



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ERLIANE RODRIGUES MENDES

**REVITALIZAÇÃO DA PAISAGEM DA PRAIA DO GOIABAL NO MUNICÍPIO DE
CALÇOENE**

Macapá

2017

ERLIANE RODRIGUES MENDES

**REVITALIZAÇÃO DA PAISAGEM DA PRAIA DO GOIABAL NO MUNICÍPIO DE
CALÇOENE**

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Msc. Oscarito Antunes do Nascimento

Macapá

2017

ERLIANE RODRIGUES MENDES

**REVITALIZAÇÃO DA PAISAGEM DA PRAIA DO GOIABAL NO MUNICÍPIO DE
CALÇOENE**

Monografia apresentada à banca examinadora da
Universidade Federal do Amapá, como requisito
para a obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Msc. Oscarito Antunes do
Nascimento

Prof. Msc. Oscarito Antunes do Nascimento (Orientador)
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Prof. . Msc. Felipe Moreira Azevedo (Examinador)
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Prof. Dr. José Marcelo Martins Medeiros (Examinador)
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Nota: _____

Data: ___/___/_____

Macapá

2017

AGRADECIMENTOS

Á Deus expresso toda minha gratidão, pois sem Ele minha trajetória acadêmica jamais teria começado. Obrigada, Senhor, por mais esta bênção que me concedes.

Agradeço imensamente aos meus pais, Joana Rodrigues e Cicero Mendes, que foram incansáveis, até mesmo quando pensei em desistir, estiveram comigo, me fortalecendo e ajudando no que fosse necessário, apesar das dificuldades.

Obrigada, minha irmã, Edilene Rodrigues, por todas as vezes que em meio à agonia do transporte público, me emprestou seu carro, para que eu pudesse chegar a tempo e entregar meus trabalhos.

Faço um agradecimento especial à minha sobrinha Ananda Solara, de 3 anos, que nos meus momentos de “stress”, estava sempre disposta a oferecer seu carinho e companheirismo, servindo-me de inspiração, obrigada, linda sobrinha.

Ao meu orientador, Msc. Oscarito Antunes, por ter aceitado ser o meu mentor em mais este projeto, tendo em vista que, sua contribuição foi de grande relevância para que se pudesse chegar ao objetivo final. Á todos os demais docentes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá, muito obrigada.

RESUMO

A revitalização geralmente está inserida no contexto turístico, alimentando muitas vezes a indústria cultural. Nos últimos anos do cenário arquitetônico houve uma tendência de ignorar os espaços públicos, aumentando a polarização do setor urbano, causando assim mais pobreza e alienação. O processo de requalificação diminui o “stress”, aumenta a segurança e conforto do lugar, reforçando a relação dos usuários com o mesmo, depois de transformado. Porém, a mudança de uso advinda da descaracterização dos espaços públicos em função de novos usos resulta, por vezes, a perda da diversidade cultural. A configuração espacial se modifica, e se perde assim a identidade. Em virtude disso, buscou-se abordar neste trabalho o estudo de revitalização da paisagem da Praia do Goiabal, uma vez que a mesma já foi fomento de turismo, lugar de lazer e recreação, não apenas para os moradores, mas também para visitantes, fator que gerava renda ao Município de Calçoene, e hoje se encontra sem uso. Como proposta, sugere-se a implantação de alguns equipamentos que venham servir de subterfugio, em harmonia com a paisagem natural, para atrair a atividade turística para a praia, sendo estes, bares/restaurantes, albergue e até mesmo a criação de um loteamento estruturado com escola, posto de saúde, delegacia e terminal rodoviário.

Palavras-Chave: Revitalização da Paisagem; Turismo; Espaços Públicos; Calçoene-AP; Praia do Goiabal.

ABSTRACT

Revitalization is usually embedded in the tourism context, often fueling the cultural industry. In the last years of the architectural scene there was a tendency to ignore the public spaces, increasing the polarization of the urban sector, thus causing more poverty and alienation. The requalification process reduces the stress, increases the security and comfort of the place, reinforcing the relationship of the users with the same, after being transformed. However, the change in use resulting from the de-characterization of public spaces due to new uses sometimes results in the loss of cultural diversity. The spatial configuration changes, and so the identity is lost. As a result, the aim of this study was to study the revitalization of the Goiabal Beach landscape, since it has already been promoted tourism, a place for leisure and recreation, not only for residents but also for visitors, a factor That generated income to the Municipality of Calçoene, and today is without use. As a proposal, we suggest the implementation of some equipment that will serve as a subterfuge, in harmony with the natural landscape, to attract the tourist activity to the beach, being these, bars / restaurants, hostel and even the creation of a structured allotment with school , Health clinic, police station and bus terminal.

Keywords: Landscape Revitalization; Tourism; Public Spaces; Calçoene-AP; Goiabal Beach.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Banheiro público destruído pelo avanço da maré | 12 |
| Figura 2 - Casas de Veraneio..... | 14 |
| Figura 3 - Praia da Ponta Negra (século XX) | 27 |
| Figura 4 - Praia da Ponta Negra na década de 90 | 28 |
| Figura 5 - Vista aérea da Praia da Ponta Negra..... | 29 |
| Figura 6 - Balneário Municipal Miguel Jorge Tabox nos anos 70 | 30 |
| Figura 7 - Mirante e vista para o Rio Sucuriú | 31 |
| Figura 8 - Torneio de pesca no Balneário Municipal Miguel Jorge Tabox | 31 |
| Figura 9 - Alter do Chão | 32 |
| Figura 10 - Praia do Amor, Alter do Chão..... | 33 |
| Figura 11 - Hotel Mirante | 34 |
| Figura 12 - Vista superior da Praia do Goiabal..... | 35 |
| Figura 13 - Vista para o mar 1 | 35 |
| Figura 14 - Localização do Município de Calçoene | 36 |
| Figura 15 - Igreja Católica de Calçoene (século XX) | 39 |
| Figura 16 - Escola Lobo D'almada..... | 42 |
| Figura 17 - Unidade Mista de Saúde | 43 |
| Figura 18 - Unidade Básica de Saúde..... | 43 |
| Figura 19 - Delegacia de Polícia Civil | 44 |
| Figura 20 - Quartel de Polícia Militar | 44 |
| Figura 21 - Estrada de acesso entre Calçoene e Goiabal | 45 |
| Figura 22 - Terminal Rodoviário de Calçoene | 46 |
| Figura 23 - Antena Rural | 47 |
| Figura 24 - Posteamto na Praia do Goiabal..... | 47 |
| Figura 25 - Área de Intervenção | 50 |
| Figura 26 - Delimitação do Loteamento..... | 50 |
| Figura 27 - Volumetria da Praia..... | 51 |
| Figura 28 - Volumetria da Praia..... | 52 |
| Figura 29 - Paisagismo..... | 52 |
| Figura 30 - Funcionograma do Albergue | 53 |

| | |
|--|----|
| Figura 31 - Esboço do Pavimento Térreo e Superior do Albergue | 53 |
| Figura 32 - Albergue, Estacionamento Interno e Camping..... | 54 |
| Figura 33 - Albergue..... | 54 |
| Figura 34 - Esboço da Locação do Albergue..... | 55 |
| Figura 35 - Estacionamento Interno e Área de Camping..... | 55 |
| Figura 36 - Croqui do bloco com 2 Bares/Restaurantes | 56 |
| Figura 37 - Funcionograma do Bar/Restaurante | 56 |
| Figura 38 - Vista dos Bares e Restaurantes..... | 57 |
| Figura 39 - Vista posterior dos Bares e Restaurantes | 57 |
| Figura 40 - Passeio e Ciclofaixa | 57 |
| Figura 41 - Calçadão e deck de madeira..... | 58 |
| Figura 42 - Atividades e Dimensionamento dos Lotes | 59 |
| Figura 43 - Via principal da Praia do Goiabal | 60 |
| Figura 44 - Estacionamento..... | 60 |
| Figura 45 - Croqui da Implantação Geral | 61 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - População de Calçoene, quanto ao gênero..... | 40 |
| Gráfico 2 - População do Goiabal, quanto ao gênero. | 41 |
| Gráfico 3 - Local de residência das pessoas que visitam a Praia do Goiabal. | 48 |
| Gráfico 4 - Frequência de visitas à praia | 49 |
| Gráfico 5 - Importância quanto à Infraestrutura..... | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 ESPAÇO LITORÂNEO | 15 |
| 1.1 Paisagem | 15 |
| 1.2 Paisagem Litorânea | 18 |
| 1.3 Turismo Praiano | 19 |
| 2 ECOLOGIA DA PAISAGEM | 20 |
| 2.1 Conforto Climático | 22 |
| 2.2 A paisagem fluvio-marinha | 22 |
| 3 PAISAGEM CULTURAL | 23 |
| 4 ESTUDO DE CASO | 26 |
| 4.1 Praia da Ponta Negra | 26 |
| 4.2 Balneário Municipal Miguel Jorge Tabox - MS..... | 29 |
| 4.3 Praia de Alter do Chão..... | 32 |
| 5 DIAGNÓSTICO DO MUNICÍPIO DE CALÇOENE E PRAIA DO GOIABAL | 34 |
| 5.1 Descrição Geral | 34 |
| 5.3 Aspectos Socioeconômicos | 40 |
| 5.3.1 População | 40 |
| 5.3.2 Ações Comunitárias | 41 |
| 5.3.3 Educação | 41 |
| 5.3.4 Saúde..... | 42 |
| 5.3.5 Economia | 43 |
| 5.3.6 Segurança..... | 43 |
| 5.4 Infraestrutura e Saneamento | 44 |
| 5.4.1 Condição de Via..... | 44 |
| 5.4.2 Esgotamento Sanitário | 45 |

| | |
|---|----|
| 5.4.3 Abastecimento de Água | 45 |
| 5.4.4 Coleta de Resíduos Sólidos | 45 |
| 5.4.5 Sistema de Transportes | 46 |
| 5.4.6 Comunicação e Telefonia..... | 46 |
| 5.4.7 Rede de Energia Elétrica | 47 |
| 5.4.8 Percepções dos frequentadores e possíveis visitantes da Praia do Goiabal | 48 |
| 6 ESTUDO PRELIMINAR..... | 49 |
| 6.1 Plano Conceitual..... | 49 |
| 6.2 Partido Arquitetônico | 51 |
| 6.3 Setorização e Pré-Dimensionamento | 61 |
| 6.4 Memorial Descritivo | 63 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 66 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 67 |
| APÊNDICE 1 | 72 |

INTRODUÇÃO

O território está sujeito a diversas transformações políticas, econômicas, sociais, culturais, ambientais. Sendo assim, pode-se considerar que o mesmo está intimamente relacionado com as pessoas que o habitam, pois sua dinâmica (tensões, desafios e conquistas) afeta tanto direta como indiretamente a vida de cada cidadão. Bem como outros temas, o saneamento, drenagem e pavimentação de vias, planejamento da paisagem, em que pesem o planejamento urbano, o urbanismo e o projeto de arquitetura e paisagismo, além da revitalização de áreas de lazer, cultura e esporte.

Assim, em meio à série de constantes transformações, sejam em aspectos arquitetônicos ou urbanísticos, existem locais que se tornam potencialmente atraentes tanto em sentido socioeconômico, quanto administrativo, assumindo expressivo valor aos seus habitantes e gestores, que desejam a construção de espaços diversos, como por exemplo, aqueles voltados para a recreação e o lazer, como é o caso da Praia do Goiabal, localizada no município de Calçoene, Estado do Amapá. Isso acarreta planejamentos e ações governamentais relacionados.

De forma mais objetiva, pode-se afirmar que a revitalização desses espaços constitui uma iniciativa importante visando proporcionar o bem-estar da população, objetivo este que deve ser parte da responsabilidade do Poder Público. Porém, para além dessa percepção, acrescenta-se que a preocupação com a infraestrutura e equipamentos urbanos, como: estacionamento, locais de hospedagem, bares e restaurantes, a serem implementados na Praia do Goiabal, podem atrair frequentadores. Estes equipamentos tendem a atrair para a praia benefícios sociais, de modo a fomentar o turismo no município e atender as necessidades de diferentes tipos de público, viabilizando seu potencial turístico.

Para Molin e Oliveira (2008), a transformação da paisagem é tomada como âncora para a compreensão do processo de revitalização em que se realiza em determinado lugar. Já que a paisagem urbana é apenas resultado do processo de ocupação do solo ao longo do tempo, demonstrando as transformações de pessoas e coisas intimamente ligadas com esse lugar. Seguindo essa linha de raciocínio, nem sempre essas mudanças que ocorrem na paisagem são tidas como positivas num âmbito arquitetônico e urbanístico. Acredita-se que é exatamente, a partir disso,

que o termo “revitalização” se faz presente, onde se trata de um conjunto de ações, a fim de permitir a um determinado espaço uma nova eficiência, um novo sentido em seu uso, visando assim à melhoria deste e de seu entorno.

Isso posto, quando se trata de propor projeto de intervenção arquitetônica, em qualquer cenário que possa existir, tem-se a frente uma tarefa importante que incide sobre a reconfiguração e possível requalificação da paisagem, visto que por meio do projeto, se possa ter estruturas físicas de qualidade proporcionando à sociedade civil prazer em visitar e usufruir do local, e que, com o apoio do poder público, no que tange à manutenção do local, a população venha a desenvolver relações de pertencimento e responsabilidades sobre a conservação dos espaços.

Para Rodrigues (1997), quando o termo requalificação está intimamente atrelado com o turismo, a paisagem acaba por se tornar argumento, como equipamento dos sonhos do turista propondo sistemas simbólicos galgados por imagens que fogem a realidade. Rodrigues ressalta ainda que, a experiência individual, construída por bagagem cultural, história de vida, pensamento e sentimento é de suma importância para entendimento desta junção de dois termos da arquitetura.

Assim, chega-se a conclusão de que a própria paisagem, por si só, já é um pretexto para atrair turistas, por possuir um diferencial que foge daquilo que eles estão acostumados a ver. No entanto, alguns equipamentos direcionados aos visitantes, como meios de hospedagem, transportes, comércio, informação, e tudo que atenda a esta demanda, são essenciais para o melhor aproveitamento da paisagem, principalmente quando se trata de revitalização. Visto que, cria-se desta forma uma significância, não apenas à paisagem, mas também aos elementos que refletem na percepção do olhar.

Yázigi (2002) afirma que a paisagem interessa primeiramente a seus próprios habitantes, e é essa relação de estima deles que desperta a atenção e interesse de transeuntes, visitantes e turistas, pela diferença do cotidiano ao qual pertencem, desempenhando assim várias funções: mediador da vida em sociedade, referencial, fonte de inspiração e contemplação.

A justificativa para a escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso surgiu de uma visita à Praia do Goiabal, onde se verificou que a mesma possui um

potencial turístico natural, porém observou-se que não existia nenhum planejamento urbanístico e poucos (quase que nenhum), equipamentos que atendessem a demanda turística da área de estudo. Além da ausência da arquitetura que pudesse contribuir para o desenvolvimento turístico do lugar.

É importante frisar que, existem alguns estudos semelhantes que tratam a respeito da Praia do Goiabal, como o “Urbanismo contemporâneo para a Orla da Praia do Goiabal – uma proposta para o desenvolvimento do turismo no Município de Calçoene/AP”, trabalho de conclusão de curso dos arquitetos André Oliveira e José Paulo Coelho, apresentados à Universidade Federal do Amapá. Em seu projeto, os arquitetos propõem a implantação de vários equipamentos públicos, além de um parque aquático com mirante. Apesar das diferenças entre as propostas, o objetivo é o mesmo, fomentar o turismo na Praia do Goiabal como alternativa para geração de renda, o que avigora a ideia de uma revitalização.

De modo geral, essa perspectiva é reforçada pelo fato de que a praia é um lugar de encontro, onde as pessoas buscam lazer e distração. Acredita-se que as praias brasileiras, em grande parte, possuem um elevado potencial turístico e em virtude disso recebem um número significativo de visitantes por ano.

Contundo, existem situações onde o descaso do Poder Público com sua conservação, revitalização ou a indiferença popular, gera o declínio do lugar, como é o caso da Praia do Goiabal, que atualmente encontra-se em condições adversas, devido ao abandono, principalmente após uma enchente causada pelo avanço da maré, onde foram destruídos os banheiros públicos, como mostra a Figura 1.

Figura 1 - Banheiro público destruído pelo avanço da maré



Fonte: Autor (2015)

Com base nos fatos apresentados, nos deparamos com o seguinte problema: Como viabilizar o turismo para a Praia do Goiabal, de modo que o mesmo possa contribuir no desenvolvimento do Município de Calçoene?

Uma hipótese sugerida para resolver o problema é a elaboração de um projeto de revitalização da Praia do Goiabal, onde se dá destaque à implantação de restaurantes e um albergue, além da urbanização da comunidade do Goiabal, onde se propõe um loteamento com equipamentos urbanos e comunitários, como Praça, Posto de Saúde, Posto Policial e Terminal Rodoviário.

O objetivo é que por meio desta intervenção, que engloba escalas arquitetônica, urbanística e paisagística, se possa atribuir um novo sentido à área. Sentido esse que esteja na escala turística, atraindo visitantes para o local e, a partir disso, gerar emprego e renda, aumentando a economia do município.

Para facilitar o entendimento sobre a estrutura do trabalho, organizou-se o conteúdo em seis capítulos, iniciando com a fundamentação teórica do estudo, destacando primeiramente o espaço litorâneo, conceituando e caracterizando cada aspecto do capítulo, não apenas como paisagem, mas também como o turismo incide em cada um, principalmente quando se trata de praia, já que é um dos pontos centrais deste estudo. Além de dissertar a cerca da “ecologia da paisagem” e “revitalização”, dois pontos de fundamental importância para a compreensão deste estudo.

No segundo capítulo, há um levantamento a cerca da “ecologia da paisagem” e como suas vertentes são de suma importância para um projeto desta temática, as vertentes serão esclarecidas e colocadas “in loco” para o conhecimento quase que aprofundado de cada, e como elas incidem no cenário arquitetônico.

No terceiro capítulo apresenta-se o conceito de “paisagem cultural” para que se compreenda o quanto esse termo pode influenciar na hora de elaborar um projeto atrelado ao ramo turístico, subdividindo-o em suas categorias, e avaliando como cada uma atua diretamente na arquitetura. O quarto capítulo descreve, sucintamente, a área destinada ao estudo, com o breve diagnóstico preliminar do Município de Calçoene.

O capítulo cinco expõe exemplos de um balneário e praias brasileiras que passaram por revitalização, tendo como resultado o projeto de planejamento

regional, urbanístico e paisagístico, com vista à requalificação da paisagem, onde se inserem o projeto urbanístico, arquitetônico e paisagístico da Praia do Goiabal, especificamente no trecho que abrange da entrada da praia até o fim das casas de veraneio (ver Figura 2), de responsabilidade da Prefeitura de Calçoene, que eram alugadas para os turistas e hoje se encontram ocupadas por moradores locais.

Figura 2 - Casas de Veraneio



Fonte: Autor (2015)

O ultimo capítulo refere-se ao estudo preliminar, onde se descreve os elementos que irão compor o projeto. É fundamentado o projeto de revitalização da Praia do Goiabal, para isso é de total importância o conhecimento da área “in loco”, para melhor compreensão do projeto e como este irá incidir sobre os moradores locais, tornando-se um catalizador para a atividade não só turística do município, mas também econômica social e cultural.

1 ESPAÇO LITORÂNEO

1.1 Paisagem

Para se difundir a compreensão de assimilação do conhecimento, através do processo seletivo que a percepção abarca, é preciso analisar as formas que se configuram dentro das relações geográficas, pois cada indivíduo analisa as relações sociais de maneira diferenciada trazendo assim contextos diferenciados e desfigurados dos objetos materiais produzidos a partir das relações de trabalho.

Sendo que assim, a realização do espaço produzido se dá em decorrência da relação da própria produção dos seres humanos que agem sobre o mesmo, através dos objetos naturais e artificiais.

Para Carl Sauer existem dois tipos de paisagem, a natural e a artificial, pois na medida em que os indivíduos se deparam com a natureza existem entre os dois uma relação cultural, que é também técnica e política, etc. E esta relação, é a marca do homem sobre a natureza chamada por Karl Marx de socialização (SANTOS, 1988, p. 22).

Por conseguinte, no que se refere à “paisagem natural”, ela só é natural, no sentido em que ela não foi tocada pelo próprio, porém sempre se tem uma proposta, política e econômica arquitetada pelo homem para a utilização da mesma. Pois, acredita-se que quanto maior o número de funções que uma sociedade exerça, maior ainda será o número de formatos e agentes sociais presentes nos parâmetros urbanos.

Em vista disso, percebe-se que quanto mais complexa é uma sociedade, menos contato se tem com a paisagem natural. Onde a “paisagem artificial” se configura de maneira pertinente dentro do espaço urbano, tendo os instrumentos de trabalhos fixos se impregnando e se configurando, concomitantemente, dentro dos alicerces urbanos.

A inter-relação entre paisagem e produção se integra a partir de cada maneira, no qual o processo do meio produtivo precisa para se implementar o trabalho, porém cada meio de produção tem a sua característica inerente de trabalho no qual cada um se organiza a partir do desenvolvimento técnico.

Dentro dessa discussão sobre a paisagem, cabe tomar como apoio os estudos de Santos (1988, p. 24), quando o mesmo coloca que “a cada momento histórico, o trabalho humano vai se tornando cada vez mais complexo, exigindo

mudança correspondente à inovação”. A paisagem por ser um momento histórico, possibilita compreender a realidade da vida social, que por meio das novas técnicas, visualiza-se a substituição de uma forma de trabalho por outra, ou seja, as formas vão sofrendo transformações no decorrer do tempo, isso é mais presente no espaço urbano, onde a inserção das técnicas é mais evidente, através das casas, hotéis, ruas, lojas, edifícios etc.

É importante entender que cada período é caracterizado por um conjunto de técnicas, as quais têm um grupo próprio de objetos e meios de utilização. Entende-se que essas alterações ditadas pela inovação, permitem sair de um determinado período e entrar em outro, ocasionando modificações na paisagem, que passa ter objetos tanto do período anterior quanto do posterior.

Isso posto, cabe concluir que, a paisagem não é eterna, é objeto de transformações, se configura de adições e subtrações consecutivas, é a marca da história do trabalho e das técnicas visualizadas na paisagem.

Quando a quantidade das técnicas se eleva acerca da natureza, existe trabalho sobre trabalho, nas grandes cidades, casas, ruas, rios canalizados, shopping centers, etc., isso seria o trabalho corporificado em objetos culturais. “A paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 1988, p. 24).

Santos (1988, p. 24) explica que “os objetos da paisagem são passíveis de datação, ou seja, tem idades, que deveríamos conhecer, todavia, nem sempre isso é possível, uma vez que, às vezes os objetos antigos são suprimidos da paisagem”. Exemplifica-se isso usando a cidade de Macapá, onde quem desembarca conhece a história dos objetos presentes, mas a cidade não, pois pouco se vê uma paisagem diferenciada do ponto vista histórico.

Deste modo, cabe examinar que, as cidades mais antigas são mais visíveis às diferenças de ritmos, logo, as transformações da paisagem são mais evidentes. Visto que, tem movimentos, que podem ser relativamente mais ou menos rápidos, deste modo:

Estudar a paisagem é, portanto interessante para compreender a realidade. As paisagens trazem marcas das culturas e, ao mesmo tempo, as influenciam. E na imensa maioria dos casos um produto não planejado da

atividade humana, essas vão surgindo na medida em que os homens vão vivendo e produzindo suas vidas (CLAVAL, 1999, p.315 a 318).

A forma da paisagem não depende apenas das técnicas de um momento, mas também das condições políticas, econômicas, culturais, etc.. A técnica é importante, porém não tem existência histórica fora das relações sociais, assim a paisagem deve ser estudada paralelamente, com as classes: políticas, econômicas e culturais. Entender esse dinamismo social é fundamental, pois as paisagens restituem um cabedal histórico de conhecimento, que a história revela, todavia nem sempre são visíveis.

Santos (1988, p. 24), diz que:

A paisagem pode ser estrutural ou funcional, ela se mostra diferente graças o seu movimento de funcionalidade, segundo as horas do dia, das semanas, das épocas do ano, que podem ser constatados nas ruas, praças, logradouros, nos centros comerciais etc., onde estas funcionam diferentes, de acordo a divisão de trabalho, assim a paisagem muda, influenciada por essas funcionalidades.

Assim, pode-se entender que, a população de cada local é singular, não obstante se mostram diferentes, segundo suas formas funcionais do mesmo subespaço, de acordo com os ritmos distintos, que são representados nas suas aparências. Logo, as mudanças estruturais também se dão pela mudança das formas, são evidenciadas pelas construções. Nas alterações das velhas formas pelas novas, existem também mudanças estruturais, nos quais esses novos ajustamentos, irão delinear as novas funções.

O espaço e paisagem são coisas distintas, o espaço seria o conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre os objetos, onde estes ajudam a concretizarem essas interações, o espaço de forma mais simplificada é o resultado da ação do homem acerca do próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais. Já a paisagem é materialidade dos objetos materiais e não-materiais, mas essa materialidade é impossível sem as diferentes relações sociais, que do mesmo modo tem interferência dos objetos. Uma avenida, por exemplo, pode ter diferentes funções em distintos momentos. Esses objetos que a sociedade produz se tornam concretos através da paisagem (SANTOS, 1988, p. 71)

A partir dos estudos de Santos (1988), tem-se a ideia de que, o espaço resulta da união da sociedade com a paisagem, nesta, a materialidade é demonstrada, num instante da sociedade, em um determinado tempo, como se fosse uma fotografia. Assim, o espaço e a paisagem formam um par dialético, complementa-se e se opõem. O conjunto de trabalho e atividade, de acordo com o movimento das pessoas corresponde à etapa de produção, que se dá naquele determinado momento.

A sociedade se encaixa na paisagem, por meio do trabalho realizado no espaço geográfico, que se dá pela materialidade dos objetos, a cada instante com diferentes frações de ambas. Desta maneira existe uma relação entre sociedade e o conjunto de formas materiais e culturais. Quando existe uma variação social há também uma mudança dos lugares, influenciado pela dinâmica do espaço urbano.

Santos (1988, p. 26) ressalta que:

A espacialidade é um momento, a paisagem tem permanência, esta é coisa, aquela é funcional. A paisagem é relativamente durável, a espacialização é inconstante, produto de uma mudança, estrutural ou funcional. Com a paisagem podemos preceder a história e a que será escrita sobre ela. Estas são transformadas para acolher uma nova inovação, a espacialidade é sempre atual, ao passo que a paisagem é sempre o passado ainda que recente.

1.2 Paisagem Litorânea

Entende-se que, o espaço é um conjunto heterogêneo de formas, artificiais e naturais que é formada por frações de ambas, seja quanto à forma, tamanho, cor, volume, utilidade ou por qualquer outro critério. Portanto, com o avanço tecnológico o homem passa a construir uma gama de objetos para determinadas funções, e que tem um significado dentro de um tempo histórico.

Os recursos naturais litorâneos como as praias são, segundo Abramovay (2002) “[...] aqueles cuja reprodução não pode ser feita pela atividade humana. Podem ser usados ou geridos, mas não produzidos” (ABRAMOVAY, 2002, p. 57).

Entretanto, é necessário admitir que grande parte dos recursos naturais têm sofrido a interferência humana e poucos ainda conservam sua arquitetura original. Especificamente no século passado, os contrapontos ambientais se aprofundaram a ponto de tornar as praias, que antes eram lugares de lazer, em ambientes inóspitos, sem saneamento ou mesmo não atrativos ao movimento turístico. Assim, a poluição ambiental nas águas e no litoral, junto com a desertificação, infelizmente se ampliam e tornam as praias lugares que ao invés de atrair o público tem gerado cada vez mais o afastamento dos visitantes.

Diante disso, para que as paisagens compostas de praias não sejam destruídas por completo, observa-se a ação de entidades governamentais e não governamentais que lutam pela sustentabilidade dessas paisagens naturais, que nada mais é do que um movimento em favor da preservação e da conservação da riqueza praieira.

A sustentabilidade das praias, segundo Manzini e Vezzoli (2005, p. 27) refere-se:

Às condições sistêmicas segundo as quais, em nível regional e planetário, as atividades humanas não devem interferir nos ciclos naturais em que se baseia tudo o que a resiliência do planeta permite e ao mesmo tempo, não devem empobrecer seu capital natural.

Quando se trata especificamente da Praia do Goiabal é possível descrevê-la como um lugar que possui uma grande vegetação nativa ainda preservada, sendo uma praia onde se predomina a vegetação de restinga¹. Suas águas são calmas que somente se agitam por ocasião de grandes ventanias, nos meses de julho a setembro que se podem encontrar ondas fortes para a prática de modalidades esportivas.

Para justificar a proposta de intervenção associada ao turismo no espaço, Vieira (1998) relata que a inter-relação entre espaço e produção se integra a partir de cada maneira, no qual o processo do meio produtivo precisa para se implementar o trabalho, contudo, cada meio de produção tem a sua característica inerente de trabalho no qual cada um se organiza a partir do desenvolvimento técnico.

Pode-se perceber, então, que no espaço litorâneo alguns lugares se configuram de maneira diferenciada de outros, porém, com o avanço tecnológico, a lógica produtiva tende a transformar a paisagem de maneira gradual, pois se entende que a configuração do espaço se apresenta dependendo do tempo histórico e do meio técnico vivenciado em determinada época, sendo que assim, a paisagem tem uma heterogeneidade de objetos diferenciados uns dos outros, ou seja, diferentes formas estruturais de outros lugares.

1.3 Turismo Praiano

Acredita-se que, na atualidade, o turismo brasileiro tem registrado taxas de crescimento elevadas, com expansão nas receitas provenientes dessa atividade. Todavia, para que o setor cresça de forma sustentada faz-se necessário um plano de desenvolvimento coerente e eficaz no âmbito da infraestrutura, especialmente em orlas.

¹ Formações vegetais costeiras, extremamente adaptadas a condições adversas como ventos, terreno arenoso, baixos níveis de fertilidade do solo, elevado grau de salinidade, fatores estes que estão relacionados à sua proximidade com o mar.

De acordo com Souza (1999), considera-se como infraestrutura do apoio ao turismo o conjunto dos estabelecimentos e serviços que dão suporte à atividade turística através do atendimento direto ao visitante que prefere apreciar as belezas naturais que concentram-se em praias.

Apesar dos bons resultados, a infraestrutura brasileira em praias ainda é precária e necessita de investimentos para fomentar a economia e a cultura dos seus respectivos locais.

A melhoria da infraestrutura praiana é o principal aspecto para o crescimento do turismo de praias no Brasil apoiando a importância de investimento em novos espaços urbanos, tendo a qualidade da infraestrutura como fonte estimuladora da revitalização de praias (SOUZA, 1999, p. 22).

Acredita-se que, um dos cenários mais atrativos das cidades banhadas por rios, no país, são as praias, localizadas em perímetros urbanos ou no interior dos municípios. Contudo, a situação atual da Praia do Goiabal caracteriza-se pelo descaso com a estrutura arquitetônica do lugar que é quase inexistente. Normalmente as pessoas que frequentam seu espaço têm provocado danos ambientais pelo despejo de resíduos sólidos na água do mar. Nessa perspectiva, os espaços vazios tendem a se tornar áreas marginalizadas e ociosas e potencialmente são focos de ocupação desordenada para assentamento precário.

2 ECOLOGIA DA PAISAGEM

A “ecologia da paisagem” vem sendo discutida por diversos autores nas últimas décadas, uma vez que combina abordagens de diversas áreas espaciais, incluindo a geografia, biologia e ecologia. Desta forma, verificam-se algumas definições do termo Ecologia da Paisagem.

Forman (1983) diz que a “ecologia da paisagem” tem como foco as relações espaciais entre os elementos da paisagem e os ecossistemas; os fluxos de energia, nutrientes minerais e espécies nos elementos de paisagem; a dinâmica ecológica dos mosaicos de paisagem ao longo do tempo. Enquanto Turner (1989) acredita que este tema enfatiza as escalas espaciais mais amplas e os efeitos ecológicos dos padrões espaciais dos ecossistemas.

Ecologia da Paisagem estuda os efeitos recíprocos dos padrões espaciais e processos ecológicos. Ela promove o desenvolvimento de modelos e teorias

de relacionamentos espaciais, coleta de novos tipos de dados nos padrões e dinâmica espacial, e a investigação de padrões espaciais que raramente são atribuídos à ecologia (PICKETT E CADENASSO, 1995).

Ainda que seus princípios não tenham relação com determinada escala ou fórmula específica costuma-se associar a paisagem a uma determinada escala de trabalho variável. Nos estudos desenvolvidos nessa área normalmente a paisagem é classificada num nível de ecossistemas e biomas numa hierarquia de sistematização da biodiversidade.

Segundo o LaBIO² – Laboratório de Planejamento para Conservação da Biodiversidade (2011, p. 01):

Nos estudos associados com a Ecologia de Paisagem, como avaliações do estado de fragmentação de ambientes naturais, conectividade estrutural ou funcional dos elementos da paisagem, efeitos da mudança da estrutura da paisagem sobre a biota e simulações de movimentações, ou dinâmica da paisagem, geralmente são utilizadas métricas que descrevem os padrões encontrados.

De forma recorrente na “ecologia da paisagem” o que se denomina de métrica geralmente vem relacionado a três aspectos que são elementares, sendo estes, as manchas, corredores e matriz.

Manchas: “Superfície não linear, diferindo em aparência da sua vizinhança. As manchas variam largamente em termo de tamanho, forma, tipo, heterogeneidade e características de fronteira. Além disso, as manchas estão por vezes embebidas numa matriz, área circundante que possui uma diferente estrutura de espécies ou composição. Normalmente, as manchas na Paisagem são comunidades de plantas ou animais, isto é, conjuntos de espécies. Contudo, algumas manchas podem não ter vida, ou conterem somente microrganismos, sendo então caracterizadas mais proeminentemente pela presença, por exemplo, de rocha, solo, pavimento ou edifícios” (FORMAN; GODRON, 1986, p. 83).

Os corredores mais comuns são os de transporte, como ferrovias, estradas, canais, caminhos para efeito de lazer, linhas de transporte de energia, água, gás.

O uso de corredores para efeitos de transporte proteção, recursos e efeitos estéticos penetra quase todas as paisagens de uma forma ou outro (FORMAN; GODRON, 1986, p. 121).

Com relação à matriz, Casimiro (2009, p. 132) explica que:

[...] em termos fundamentais da paisagem, há a matriz, que constitui, embora não de uma forma aparente, o elemento mais importante para a análise e compreensão efetiva da estrutura da paisagem. Por definição, a matriz é o tipo de paisagem mais extenso e mais conectado, que, portanto desempenha um papel dominante no funcionamento da paisagem.

² Laboratório de Planejamento para Conservação da Biodiversidade

2.1 Conforto Climático

Na “ecologia da paisagem” existe a preocupação com o que se denomina de “conforto climático”. A definição de conforto climático envolve necessariamente o conceito de outros índices que favorecem a confortabilidade dos indivíduos em decorrência de condições climáticas agradáveis ao corpo.

Assim, de acordo com García (1995, p. 199):

Conforto climático consiste no conjunto de condições em que os mecanismos de autorregulação são mínimos, ou ainda, na zona delimitada por características térmicas em que o maior número de pessoas manifeste se sentir bem.

As áreas verdes, em especial as que possuem espécies nativas, podem funcionar como corredores ecológicos para remanescentes florestais das regiões rurais e periféricas que contornam as cidades. As árvores urbanas cedem alimento para a avifauna e insetos, proporcionando o desenvolvimento de uma fauna mais rica, importante para a manutenção da biodiversidade dos ecossistemas naturais e até mesmo urbano (MATOS; QUEIROZ, 2009, p. 20).

Para que o “conforto climático” favoreça a qualidade de vida daqueles que frequentam locais como praias e praças, e se estenda a população em geral, considera-se necessário a elaboração e efetivação de um planejamento voltado para a intensificação do processo de arborização, com destaque para a obtenção de condições mais confortáveis à sombra das copas das árvores, a fim de se usufruir do conforto climático.

Diante disso, é necessário compreender que o “conforto climático” se deve ao fato de que os espaços públicos, como as praias, são locais convidativos, independentemente da condição sócio econômica de seus frequentadores. Isso significa que podem oferecer então condições de bem-estar para quem as frequenta. “Estas condições se expressam, sobretudo através da presença de vegetação que é um condicionante fundamental no estudo do conforto climático” (GOMES; AMORIM, 2003, p. 95).

2.2 A paisagem fluvio-marinha

A paisagem fluvio-marinha é considerada por muitos estudiosos como um ambiente complexo, que sofre influência das oscilações das marés e dos processos continentais. É formada pela deposição de sedimentos argilosos, ricos em matéria orgânica em suas áreas de inundação, e vegetação de mangue (SDLR, 2016).

Souza (2005, p. 26) explica que:

É de importância fundamental para a bioestabilização da planície fluvio-marinha e na deposição de sedimentos fluviais nas margens dessa planície, os manguezais atuam como filtro entre o continente e os oceanos, atenuando efeitos de inundações e avanços das marés e funcionando como “área tampão”. Além disso, a paisagem fluvio-marinha tem uma grande importância na manutenção da linha de costa, sendo, ao mesmo tempo, um berçário para o repovoamento de várias espécies de crustáceos e peixes.

Entende-se, então, que a paisagem fluvio-marinha no Brasil tem uma riqueza considerável, representando hoje uma área verde que guarda uma profusão de espécies que deve ser preservada de ocupação e uso, seu aproveitamento deve se limitar à exploração artesanal da pesca, turismo ecológico e entretenimento em praias e áreas litorâneas.

3 PAISAGEM CULTURAL

Segundo o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a chancela da Paisagem Cultural é o mais novo instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro, lançado em 2009 pelo Instituto. Conforme a Portaria Iphan nº 127/2009, que regulamenta essa chancela, Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.

A chancela é uma espécie de selo de qualidade, um instrumento de reconhecimento do valor cultural de uma porção definida do território nacional, que possui características especiais na interação entre o homem e o meio ambiente. Sua finalidade é atender o interesse público por determinado território que faz parte da identidade cultural do Brasil. A paisagem chancelada pode usufruir do título desde que mantenha as características que a fizeram merecer esta classificação, sendo, por isso necessário desenvolver um Plano de Gestão. (IPHAN, 2009, p. 18)

Deste modo, depois de chancelado como Paisagem Cultural Brasileira, um bem ou uma porção do território nacional será periodicamente acompanhado pelo Iphan, que elaborará relatórios de monitoramento, através dos quais atestará se aquele bem continua conservando os valores reconhecidos e chancelados como Paisagem Cultural ou não.

A “paisagem cultural”, denominada também de “paisagem antrópica”, exprime as atividades humanas, ou seja, é uma paisagem construída e elaborada pelos homens. Pena (2015, p. 02) afirma que:

A paisagem cultural constrói-se a partir da utilização e transformação dos elementos da natureza pelas atividades realizadas pelo homem. Portanto, todas as edificações artificialmente construídas, bem como as intervenções não naturais sobre o espaço constituem paisagens culturais, como o espaço de uma cidade ou um campo de produção agrícola.

É importante entender que, frequentemente, esses tipos não se unem, podendo superar o espaço. Assim, pode haver elementos naturais em paisagens culturais e vice-versa. Ao contrário do que muitos imaginam, a paisagem é uma categoria extremamente dinâmica. A paisagem cultural mostra que existem alguns tipos de paisagens que são a concretização de práticas humanas, ou das ações da natureza, sendo capaz de narrar, através de suas manifestações evidentes ou ocultas, a história daquele espaço (PENA, 2015).

De acordo com Costa e Gastal (2010, p. 08) a “Paisagem Cultural” pode ser dividida em três categorias:

- a) **Paisagem claramente definida:** envolve jardins e parques criados propositalmente, por motivos predominantemente estéticos, que geralmente (mas não sempre) estão associados com construções monumentais ou religiosas. São as mais facilmente identificáveis, de acordo com o ICOMOS. São exemplos de paisagens claramente definidas Sintra, em Portugal, e a Paisagem Cultural de Lednice-Valtice na república Checa.
- b) **Paisagem evoluída organicamente:** esta categoria resulta de um imperativo inicial social, econômico, administrativo e/ou religioso, e que desenvolveu sua forma atual por meio da associação com e em relação ao ambiente natural. Estas paisagens refletem seu processo de evolução em suas características e componentes espaciais. A paisagem evoluída organicamente se subdivide ainda em outras duas tipologias:
 - **Paisagem Relíquia ou Fóssil:** aquela cujo processo de construção teve fim em algum tempo passado, mas cujos aspectos ainda são visíveis como vestígios materiais;
 - **Paisagem Contínua:** representativa da paisagem que detêm um ativo papel na sociedade contemporânea, profundamente associada com formas de vida tradicionais, e na qual, processos evolutivos ainda estão em progressão, ao mesmo tempo em que exhibe significativa evidência material de sua evolução através do tempo. São exemplos da Paisagem Organicamente Evoluída os

terraços de arroz da Cordilheira Filipinas ou a Paisagem Cultural de Hallstatt-Danchstein Salzkamergut na Áustria.

- c) Paisagem cultural associativa:** refere-se a paisagens que têm seu valor dado em função das associações que são feitas acerca delas, mesmo que não haja manifestações materiais da intervenção humana. Sua inclusão justifica-se pelas associações religiosas, artísticas ou culturais com o elemento natural, sem a evidência material da cultura, que pode ser insignificante ou ausente.

Portanto, é comum encontrar nas manifestações que são expressas no mundo, elementos referentes ao passado, recente ou remoto. Portanto, entende-se que a principal característica da paisagem é o fato de ela agregar, em si, a sobreposição e a unificação das ações do presente e do passado, que muitas vezes convivem lado a lado.

Miranda (2006, p. 25) explica que:

“A atividade do turismo cultural enquadra-se perfeitamente na nova indústria – a da cultura – que se expande rompendo fronteiras. Nesta perspectiva, a história é mascarada pelo processo de restauração, através da ressurreição fixista de modelos anteriores”.

No entanto, é preciso estar atento para as consequências ocasionadas pela atividade turística, uma vez que, há mudança de características construtivas, e assim, morfológicas e paisagísticas, de maneira que, alguns traços paisagísticos e culturais que exercem atratividade em dado segmento do mercado turístico, podem estar sendo perdidos.

Le Goff ressalta que a memória é um elemento essencial da identidade, simbolizando a rotina, o capital necessário à sobrevivência do grupo. Portanto, há necessidade de permanência de marcos físicos do passado, bem como de indivíduos que promovam a continuidade das atividades cotidianas que permitem a sobrevivência dos lugares (MIRANDA, 2006, p. 24)

Para Miranda (2006, p. 41):

Os bens culturais passam a ser vistos como plenos de valores ocasionados pelas relações entre os homens, e não pela relação direta com os objetos, perspectiva esta que reifica os bens preservados, sem demonstrar seu papel para a sociedade. Deste modo, Magalhães (1985) expõe que os bens culturais dividem-se em bens de valor histórico, de expressão individual e de fazer popular.

Desta forma, Miranda (2006) conclui que o primeiro segmento inclui os bens móveis e imóveis de valor histórico, contendo ou não valor criativo próprio, sendo

considerados bens de criação individual os de valor artístico nas suas diversas áreas; e os do fazer popular, os que se encontram inseridos na dinâmica cotidiana, sendo vista desta mesma maneira a paisagem cultural.

Assim, chega-se a conclusão de que o turismo, enquanto prática social está em condições de resgatar a potencialidade subestimada da paisagem como recurso e mediação no desenvolvimento de localidades, estimulando não somente sua proteção, mas sua recuperação e utilização criativa, agregando a dimensão polissêmica da paisagem à sua multifuncionalidade, tanto para seus usuários diretos, sua população, quanto para àqueles interessados em conhecê-la (VINUESA, 2002).

4 ESTUDO DE CASO

4.1 Praia da Ponta Negra

Quando se busca casos de revitalização de praia nesse sentido, há uma infinidade de casos, porém, buscou-se, neste capítulo, um estudo numa escala mais regional, para buscar entender dinâmicas e problemáticas semelhantes aos da proposta em projeto. Uma dos projetos em questão é o da Praia da Ponta Negra, localizado em Manaus, que foi pensado visando a Copa do Mundo de 2014.

A praia in loco, possui uma importância não só turística, mas também uma classificação histórica para a cidade de Manaus, para a população amazonense, já que os habitantes locais tinham o hábito de se direcionarem para a orla quando a temperatura elevava na capital (SANTOS; RIBEIRO, 2010).

O projeto de revitalização, contudo, tinha uma classificação mais contemporânea, transformando o local em complexo de lazer não apenas para os seus usuários habituais, mas também para a demanda turística que aumentaria com a copa do mundo. O complexo contaria com uma área para estacionamento, reforma do balneário, reformas do anfiteatro, complexo esportivo e ampliação da rede de esgoto, desenvolvido assim para maior aproveitamento das suas áreas. A intenção aqui é também mostrar de forma sucinta as várias modificações que a praia sofreu até se tornar um ponto turístico para cidade.

Segundo Monteiro (1998), a ocupação da praia se deu por indígenas no século XVII, segundo os historiadores, contudo, a área sofre suas principais

transformações durante extração da borracha, que ocorreu na cidade de Manaus no século XX. Este período marcou espaço, vida, economia e paisagem da cidade toda. No entanto, a praia ainda não era tida como potencial turístico e sim apenas como fornecedor de matéria prima (areia e pedra) para construções da cidade, sendo assim, não era alvo de muitas visitas de banhistas, pelo contrário apresentava um aspecto abandonado, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 - Praia da Ponta Negra (século XX)



Fonte: Blog do Sarafa (2014)

Santos e Ribeiro (2010) ressaltam que a princípio, a praia era somente um potencial extrativista, que fornecia matéria prima para as necessidades da capital, sendo vista apenas como potencial turístico na metade do século passado, quando foram inseridos em seu espaço os serviços hoteleiros e bancários, passando assim a ter importância não só no setor turístico, como também no comercial. É importante citar que foram gastos milhões dos cofres públicos de Manaus só na obra do Tropical Hotel, criado na primeira revitalização da praia, o mesmo foi inaugurado em 1970.

Desde que o projeto foi executado, a praia se transformou num complexo turístico agregando além do valor de diversão, valores econômicos e comerciais, já que a área se tornou mais valorizada não só pela sua beleza natural, mas também pelas quadras, rampas de skate, estacionamento. Não há registros de que a praia tenha apresentado quaisquer problemas evidentes de saneamento até a década de 90, do século XX, uma vez que não existiam tantos prédios e nem outros tipos de

moradias nas suas proximidades (SANTOS; RIBEIRO, 2010), como se observa na Figura 4.

Figura 4 - Praia da Ponta Negra na década de 90



Fonte: Santos e Ribeiro (2010)

Conforme o Portal da Copa (2013), o Projeto da Praia da Ponta Negra resultou na criação e reforma de restaurantes, bares, anfiteatro, complexo esportivo, ampliação dos balneários (como podemos ver na vista aérea da praia, na Figura 5) e principalmente a elaboração de uma rede de esgoto para a área, já que a mesma necessitava de técnicas adequadas para o aumento da demanda local (que ocorreu a partir da década de 1990), e para o aumento que viria também com a Copa do Mundo de 2014.

É de fundamental importância citar a rede de esgoto que foi criada ali, uma vez que a mesma foi implantada com o objetivo de não afetar a vida dos visitantes, já que antes o esgoto era todo despejado no rio sem qualquer tipo de tratamento. Em função disso, o projeto contou não apenas com a transformação em um complexo turístico, mas se deparou também com a necessidade de aumento e reformulação do local (PORTAL DA COPA, 2013).

Figura 5 - Vista aérea da Praia da Ponta Negra



Fonte: Portal da Copa (2013)

O projeto da praia em questão tem o mesmo objetivo de revitalização da Praia do Goiabal, que lida com várias questões num determinado projeto e tem o intuito de gerar crescimento econômico numa escala local, manter a tradição do lugar, valorizar sua localização geográfica, qualidade de vida para os frequentadores, tendo em vista esses preceitos para seguir a linha de raciocínio do projeto de revitalização da mesma.

4.2 Balneário Municipal Miguel Jorge Tabox - MS

Outro estudo de caso in loco, é o Balneário Municipal Miguel Jorge Tabox, no Município de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, onde suas principais vertentes para o projeto foram o turismo e lazer, englobando menos variantes, porém, não destrela a importância do entendimento do processo de revitalização de uma praia. O balneário é localizado nas margens do Rio Sucuriú, seu projeto prioriza, fundamentalmente, a qualidade de vida ligada ao turismo e lazer, além da socialização dos habitantes, tudo isso como catalisador para melhorar a qualidade de vida de quem frequenta o balneário. O Município de Três Lagoas passou por diversas modificações, que vão desde as comerciais até as industriais, é evidente que “o setor turístico não ficou estagnado nesse crescimento, com a inserção de empreendimentos hoteleiros e turísticos locais” (ROSA; BERSAN, 2012, p. 02).

Segundo Rosa e Bersan (2012), o balneário sempre foi palco de banho e pesca dos seus usuários, porém devido a seu uso incorreto, as atividades usuais tiveram que ser mediadas, essa intervenção foi causada pela contaminação da

água, consequência essa da ocupação urbana desenfreada. A obra do balneário data na década de 70, do século XX (ver Figura 6), tornando assim um marco turístico para o município, o que proporcionou um impulso turístico para a cidade, em detrimento não só do balneário em si, mas das belezas que o circundavam, como as praias de areia branca e o lago da hidrelétrica do Rio Paraná, no entanto, não se soube manter a boa manutenção dos equipamentos presentes e com o passar dos anos as instalações acabaram por se tornar obsoletas, incapazes de atender as normas mínimas de necessidade para um bom atendimento. Ainda assim, com a infraestrutura precária o local conseguia receber um número significativo de banhistas.

Figura 6 - Balneário Municipal Miguel Jorge Tabox nos anos 70



Fonte: Blog HojeMais (2015)

Com a revitalização, o objetivo era aumentar a escala de frequentadores, transformando num atrativo nacional para turistas, atendendo a todas as faixas etárias. Em vista disso, foi elaborado um layout pelos arquitetos responsáveis pelo projeto, onde são valorizadas as condições naturais da paisagem, sem agredi-la, com as soluções construtivas, edificando construções para atender necessidades, como acesso, estacionamento seguro, escritórios administrativos, mirante (ver Figura 7) e etc. (ROSA; BERSAN, 2012).

Figura 7 - Mirante e vista para o Rio Sucuriú



Fonte: Portal Rádio Caçula (2013)

Tudo isso tornou o balneário um importante veículo propulsor de desenvolvimento da região, tendo setores como turismo, de lazer e pesca esportiva. Vale ressaltar que todo ano ocorre no balneário um torneio de pesca e exposição de embarcações, onde participam visitantes de várias localidades, através da Figura 8, mostrada a seguir pode se ter uma noção da dimensão do evento (SANTANA, 2014).

Figura 8 - Torneio de pesca no Balneário Municipal Miguel Jorge Tabox



Fonte: Blog Pesca Amadora (2014)

Mesmo com aspectos completamente diferentes do caso anterior, e da Praia do Goiabal, é importante ter em mente que na maioria dos projetos e processos de revitalização de praia, balneário, orla, é um trampolim para o desenvolvimento do turismo e lazer da cidade, com diversos atrativos culturais e com o intuito de atrair a atenção de usuários habituais e não usuais (turistas), respeitando sempre o meio em que se encontra (meio ambiente), criando assim um lugar com toda a infraestrutura

necessária para atender a demanda de lazer e divertimento dos usuários, sendo eles usuais ou não.

4.3 Praia de Alter do Chão

Situada na confluência dos Rios Tapajós e Amazonas, Alter do Chão (ver Figura 9) fica a cerca de 32 km do Município de Santarém e o acesso se dá por meio da Rodovia PA-457. Santarém assume posição geográfica central em relação aos demais municípios do oeste paraense e também entre as capitais Belém e Manaus. O município concentra boa parte da infraestrutura turística da região oeste do Pará, bem como ótimas condições de acesso, atraindo o fluxo turístico e atuando como um ponto de chegada e de distribuição para os demais municípios e microrregiões do Polo Turístico de Tapajós.

Figura 9 - Alter do Chão



Fonte: Blog Alter do Chão (2012)

Alter do Chão possui praias de areias brancas, banhadas pelas águas transparentes do rio Tapajós, sendo a Praia do Amor (ver Figura 10) a mais visitada da vila. Por suas características peculiares e seus atrativos naturais e culturais, Alter do Chão recebe atualmente um elevado número de turistas e navios de cruzeiros marítimos que demandam o rio Amazonas. Por esta razão, a referida vila é importante polo turístico da região.

Figura 10 - Praia do Amor, Alter do Chão



Fonte: G1 Pará (2012)

Pereira, Anjos e Vieira (2011) afirmam que a Vila de Alter do Chão tem um importante papel tanto no contexto amazônico, quanto como destinação turística na região, onde atualmente a vila tornou-se parte integrante de roteiros das mais importantes operadoras de ecoturismo do país, além dos roteiros propostos pelo Governo Federal através do Ministério do Turismo, além de ser ponto de parada previsto nas rotas de cruzeiros internacionais que transitam pelo rio Amazonas, constituindo a referência turística mais marcante, na qual também está concentrado, além do acesso à cultura da região.

No entanto, existe uma preocupação em relação a Alter do Chão é o crescimento desordenado da vila, pois, com a criação da Rodovia PA-457 notou-se a alteração dos padrões construtivos (tamanho e altura das edificações), deixando de lado as técnicas e materiais tradicionalmente utilizados por essa população.

No entanto, sua crescente valorização, aliada ainda ao advento da monocultura da soja na região, à venda das propriedades, à destruição de ambientes naturais e ao aumento da dificuldade para ter acesso aos materiais locais tradicionais da cultura do caboclo ribeirinho, tem resultado um crescimento desordenado do plano urbano da Vila, na mudança dos padrões construtivos, na perda de referências culturais materiais e imateriais e de seu ordenamento econômico predominantemente agrícola e extrativista (PEREIRA; ANJOS; VIEIRA, 2011, p. 13).

Em seu estudo Pereira, Anjos e Vieira (2011, p. 17) relatam que:

“Os comentários mais negativos no que tange às construções e suas características morfológicas foram feitos por turistas, de forma que houve recorrentes referências negativas às construções mais altas, às que ocupam todo o lote e retiram toda a vegetação, assim como as construções que não levam em consideração a utilização de uma linguagem tida como regional em sua tipologia e partido. Dentre as construções que mais

aparecem citadas dentro desse discurso, pode-se citar o Hotel Mirante (ver Figura 11), localizado na orla de Alter do Chão, com vista para a “Ilha”. Assim, observa-se nos discursos dos turistas que estes não são contrários às melhorias, desde que estas sejam realizadas dentro de um planejamento e execução mais condizente, adequada e integrada à realidade local, assim como ao cenário natural”.

Figura 11 - Hotel Mirante



Fonte: Tripadvisor (2015)

Deste modo, nota-se que estes turistas demonstram mais interesse pelo ritmo de vida menos apressado e estressado, pela simplicidade das construções e do modo de viver, valorizando e reconhecendo na comunidade esse esforço em resgatar e fortalecer sua cultura, entre outras coisas, através das festas, do artesanato, além da realização de tarefas e encontros ao ar livre, construções consideradas com linguagem regional adequada, privilegiando o uso de redes, áreas de varandas, construções abertas, com uso de materiais construtivos, de acabamento regional, mais natural.

5 DIAGNÓSTICO DO MUNICÍPIO DE CALÇOENE E PRAIA DO GOIABAL

5.1 Descrição Geral

A área para intervenção é denominada de Praia do Goiabal, localizada no município de Calçoene com coordenadas geográficas 02o38’N e 50o49’W, no nível do mar. Onde o limite se estende desde a foz do Iguaçu até a Foz do Rio Calçoene, com aproximadamente 70km de extensão. Observa-se na Figura 12 e Figura 13, que a praia é banhada pelo Rio Calçoene, que faz ligação direta com o Oceano Atlântico.

Figura 12 - Vista superior da Praia do Goiabal



Fonte: ESRI (2016)

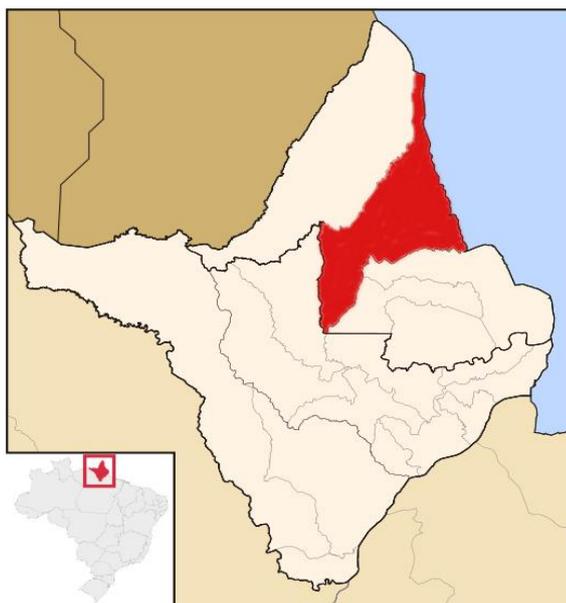
Figura 13 - Vista para o mar 1



Fonte: Autor (2015)

O município de Calçoene, onde a Praia do Goiabal está situada, localiza-se ao norte do Estado do Amapá (conforme mostra a Figura 14), a 384 km da capital e compreende a uma área de aproximadamente 14.231,78 km², tendo hoje um número de 9.000 habitantes, o que resulta numa densidade demográfica de 0,63 hab/km², segundo dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Possui ao longo da sua história uma importância relevante para o Amapá e Amazônia, já que sua posição geográfica foi alvo de conquistadores e desbravadores, que sempre sonhavam em conquistar novos territórios e suas riquezas naturais.

Figura 14 - Localização do Município de Calçoene



Fonte: Wikipédia (2015)

Segundo o IBGE (2010), o município tem potencialidade para o setor primário, com a criação de bovinos e bubalinos e a Praia do Goiabal segue essa mesma linha de produção, “seu potencial extrativista fez com que a sua Costa Marinha estivesse entre as mais produtivas de pescado e mariscos do Brasil, destacando-se a pescada amarela e gurijuba” (CASTELO, 2011, p. 01). Contudo, o uso sem alguma preocupação para a pesca acaba por comprometer a viabilidade econômica por conta da escassez ou até mesmo sua extinção.

Outro ponto de fundamental importância para a pesquisa é o fato da área está diretamente ligada ao setor turístico, uma vez que o local possui várias belezas naturais, além de ser a única praia aberta da costa amapaense.

Como se pode notar a Praia do Goiabal, é um “espetáculo aos olhos do observador”, pois possui características de uma praia. O que diferencia esta das outras brasileiras, apesar de ser salgada, é a presença de manguezais aos arredores da mesma, que fornecem caranguejo aos moradores locais. Com uma boa organização, infraestrutura adequada e com os equipamentos necessários para melhor atender as necessidades e satisfazer os visitantes/turistas, esta servirá como porta de entrada para o desenvolvimento do turismo no município e no Estado.

5.2 Origem e Formação de Calçoene

A ocupação do “território do Contestado Franco-Brasileiro³” foi um acontecimento que marcou definitivamente a história social e política de Calçoene. No final dos anos de 1880, a procura pelo ouro acirrou as disputas em torno da propriedade dessa pequena faixa de terra (MOURÃO; RODRIGUES; SANTARÉM, 2010).

[...] consideramos que a chegada destes no território neutralizado está relacionado com a descoberta de ouro no leito do rio Calçoene. O conflito da Vila do Amapá nos possibilitou encontrar a fala desses sujeitos – garimpeiros, pequenos comerciantes, proprietário, entre outros – que vieram, em sua grande maioria, de regiões do Pará, mas com a firme intenção de um dia voltarem para as suas localidades de origem. Não demorou muito para que essas novas presenças no Contestado fossem objeto das correspondências do Governo da Guiana Francesa. Entretanto, além da busca febril do ouro com a possibilidade de lucro fácil, outros negócios foram vislumbrados e apresentaram resultados satisfatórios. Desse modo, de fronteira da liberdade o Contestado passou a território de riquezas (CARDOSO, 2008, p. 60).

Mourão, Rodrigues e Santarém (2010) esclarecem que a história de Calçoene começa em 1893 quando, a esse tempo, foi descoberto ouro no leito do rio de mesmo nome. A partir de uma pequena feitoria de pescadores a exploração de ouro na mina do Lourenço passou a constituir uma prática recorrente.

Numa época anterior a essa, em 1885, Gomes (2005) explica que, o romancista francês Jules Gross criou a prosaica República Independente do Cunani, tendo essa república selos, moedas e condecorações. Porém, após dois anos, foi desestabilizada pelo governo francês.

No ano de 1894 descobriu-se ouro no distrito de Lourenço, por trabalhadores, Germano, Ribeiro e Firmino, o que motivou a penetração no local, de europeus e norte-americanos, colocando em situação de rivalidade brasileiros e franceses, que travaram lutas armadas e diplomáticas, tendo o Brasil ganhado a posse de toda a área, com a assinatura do laudo suíço em 13 de dezembro de 1900 (MOURÃO; RODRIGUES; SANTARÉM, 2010, p. 39).

Com isso, Mourão, Rodrigues e Santarém (2010) seguem explanando que a questão do Contestado Franco-Brasileiro se reacendeu, com vários conflitos envolvendo brasileiros e franceses da Caiena, culminando com a vitória dos brasileiros e a anexação da área, antes contestada pela França, ao Brasil em 1900.

³ Território da província do Pará entre os rios Oiapoque e Araguari, nos anos de 1841 a 1900.

Assim, a atual cidade de Calçoene teve origem do movimento de garimpeiros e fiscadores do ouro.

Cardoso (2008) relata que em 25 de maio de 1901, o decreto nº 1.021 divide o Araguari em duas regiões: Amapá e Calçoene. Após sua instalação, a Mesa de Rendas consegue arrecadar, do imposto do ouro, 224 mil réis, equivalentes ao despacho de 17 quilos desse metal, das minas de Lourenço. Nesse ano a população da sede chega a 1.600 habitantes. Em 16 de abril de 1903, é criado o Distrito de Calçoene com jurisdição no então município de Montenegro.

Quando os franceses quiseram tomar parte do Amapá, a área foi considerada a mais importante do território. Nela estava situada a Vila do Cunani, a qual os europeus invadiram e tornaram república. Cunani foi elevada à condição de República Independente, tendo sido governada por Jules Gros, membro da Sociedade de Geografia Comercial de Paris. Segundo Cardoso (2008, p. 45):

Esta foi a única unidade a possuir moeda personalizada, emblemas e até Ordem de Cavalaria Estrela do Cunani, a mais alta condecoração desta república. Atualmente, Cunani é um pequeno distrito de Calçoene, cuja população vive exclusivamente da agricultura e da venda de madeira [...].

O Município de Calçoene, na atualidade, é habitado principalmente por população “cabocla”, portanto pessoas inseridas na cultura Ocidental.

Isso é importante porque elas têm um conhecimento básico sobre o que é uma pesquisa científica, ao menos na forma como é transmitido pelos grandes meios de comunicação ou nas escolas (MOURÃO; RODRIGUES; SANTARÉM, 2010, p. 41).

Por exemplo, na entrevista realizada com a Sr^a Isabel Camelo Palmerim, 74 anos, nascida no município de Amapá, mas residente em Calçoene, tem-se o seguinte relato:

Quando me casei, passei a morar na Vila de Calçoene, pois meu esposo era daqui e trabalhava nas minas do ouro do Lourenço (garimpo). Na época tinham poucas casas, quase todas localizadas às margens dos rios. Segundo alguns moradores antigos, do outro lado do rio era a vila dos franceses aonde havia as lojas, só lá existia o cemitério, pois tenho uma tia que foi enterrada lá. Atualmente é uma pequena fazenda de gado. Nessa época o transporte era fluvial, de canoa, à vela e ia pelo rio Calçoene. [...] Aqui na Vila havia pequenos quiosques, mas as mercadorias vinham todas de Belém. Quem fazia esse transporte era o Senhor Vicente Alves, pois ele era proprietário de barcos, também vinha da Vigia em canoas pequenas de pescadores, pois os mesmos vêm até os dias atuais pescar na costa do Atlântico, existia e existe muitos moradores da Vigia na vila principalmente as famílias dos homens que iam para o garimpo. Não existia escola, não

lembro, só sei que estava em construção, o Grupo Escolar Lobo D'almada, o posto médico também não existia, o enfermeiro atendia na casa dele⁴.

Outro relato importante foi da Sr^a Maria Elba dos Santos Cardoso, 74 anos, professora em Calçoene desde 1951. Ela relatou que:

O primeiro nome dado a atual cidade de Calçoene, era Vila do Firmino, pois seu primeiro morador chamava-se Firmino. Com o decorrer dos anos, na década de 1940 passou a ser chamado de Distrito do Amapá, logo depois passou a ser Vila de Calçoene, em consequência do rio onde o distrito era localizado, pois este se chama Calçoene. [...] Como meio de comunicação existia o telégrafo tendo como telegrafista o Sr. José Antônio Monteiro. Com a chegada do primeiro governador do Território do Amapá, Janary Nunes, começaram as melhorias. Por exemplo, passou a existir um delegado de polícia o Sr. Ubirajara Lopes de Souza. A subsistência de Calçoene era obtida através da pesca, da agricultura e da extração do ouro. A vila só possuía uma capela católica (conforme podemos ver na Figura 15), tendo como padroeira Nossa Senhora da Conceição. [...] A cultura e o folclore existentes era oriundo dos vigienses que, estabelecidos na Vila de Calçoene, faziam animação da localidade, principalmente no mês de junho. Em 1957 a vila de Calçoene passou a categoria de cidade criada através do Decreto-Lei nº 3055/56, tendo como primeiro prefeito nomeado o Sr. Coaraci Sobreira Barbosa. Com a nomeação o progresso começou a ser visível. O município teve 13 prefeitos nomeados de 1957 a 1985⁵.

Figura 15 - Igreja Católica de Calçoene (século XX)



Fonte: Blog Hi7, (2016)

A partir da leitura e interpretação dos relatos fornecidos pelos participantes da pesquisa, entende-se que quanto a localização do atual município de Calçoene, as Sr^{as}. Izabel e Maria Elba evidenciam que este ficava às margens do rio Calçoene, pois quando chegaram ao lugar já encontraram uma vila em formação.

⁴ Entrevista concedida por PALMEIRIM, Isabel Camelo. **Entrevista I**. Entrevistadores: Heliene Mourão, Joana Rodrigues e Maria Santarém. Calçoene, 2010.

⁵ Entrevista concedida por CARDOSO, Maria Elba dos Santos. **Entrevista II**. Entrevistadores: Heliene Mourão, Joana Rodrigues e Maria Santarém. Calçoene, 2010.

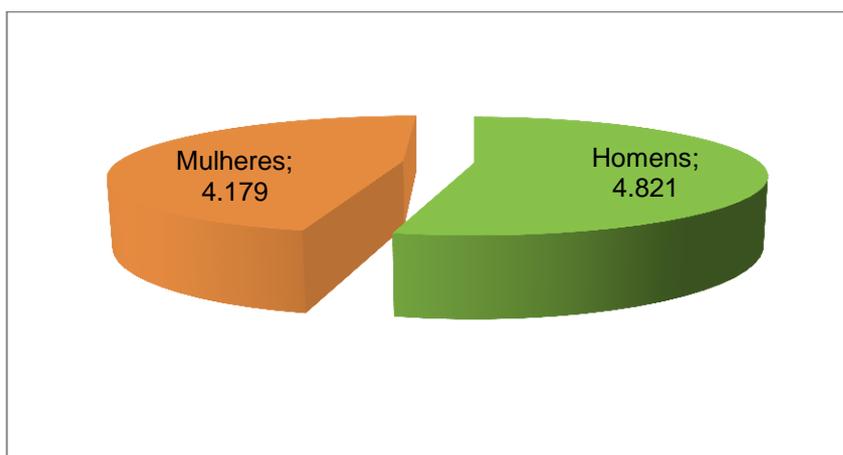
Outro ponto importante refere-se aos primeiros moradores e principais líderes que existiam na vila de Calçoene. Em áreas como saúde, educação e transportes os informantes coincidem nos relatos à cerca dos acontecimentos que se sucederam a partir do surgimento da vila e depois do município de Calçoene. Também confirmam o fato de que o progresso em Calçoene ocorreu com a criação do território do Amapá e a posse de Janary Nunes, que nomeia um prefeito que inicia mudanças estruturais na localidade.

5.3 Aspectos Socioeconômicos

5.3.1 População

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), até o censo demográfico de 2010 a população residente do Município de Calçoene totalizava 9.000 pessoas, sendo 4.179 mulheres e 4.821 homens, como mostra o Gráfico 1.

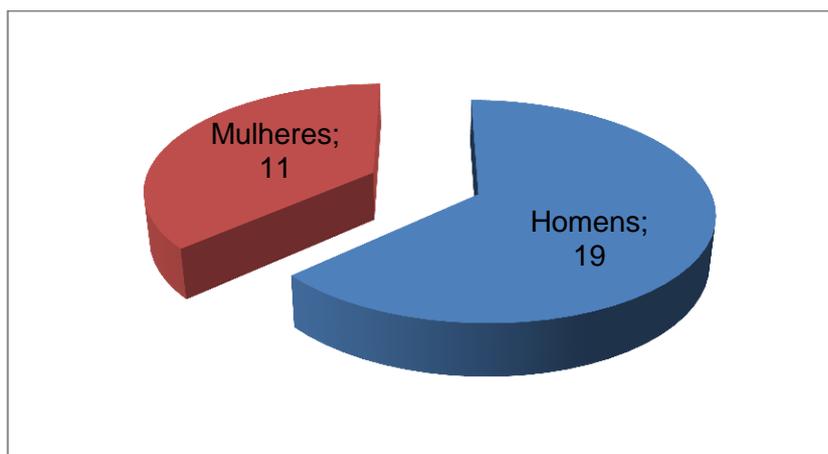
Gráfico 1 - População de Calçoene, quanto ao gênero.



Fonte: IBGE (2010)

A Vila do Goiabal possui hoje um baixo número de habitantes, conforme pesquisa feita pelo autor do projeto, através de visitas na área e relatos dos próprios moradores, identificou-se que, atualmente, apenas seis famílias residem na área, onde cada uma possui, em média, 5 (cinco) componentes, o que totaliza em torno de 30 (trinta) habitantes. Veja no Gráfico 2 como se dividem os habitantes do Goiabal quanto ao gênero.

Gráfico 2 - População do Goiabal, quanto ao gênero.



Fonte: IBGE (2010)

5.3.2 Ações Comunitárias

De acordo com a coordenação de programas sociais de Calçoene, existem várias famílias cadastradas no Programa Bolsa Família, do Governo Federal, no entanto, não há uma divisão desses cadastros que possa dar um número exato de beneficiados em cada distrito ou comunidade, tampouco uma contabilidade de quantas famílias recebe o benefício.

5.3.3 Educação

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Calçoene conta, hoje, com 16 (dezesesseis) escolas, todas da rede pública, onde 5 (cinco) são estaduais e 11 (onze) municipais. De acordo com o IBGE o ano de 2015 fechou com um índice de 3001 matrículas para o ensino pré-escolar, ensino fundamental e ensino médio.

A Figura 16 expõe o antigo Grupo de Estudo Lobo D'almada, hoje, escola.

Figura 16 - Escola Lobo D'almada



Fonte: Autor (2017)

O prédio foi todo reformado, Recebeu cobertura em telha cerâmica tipo PLAN, pavimentação em piso de alta resistência, forro PVC, ampliação de mais duas salas de aula, totalizando 12 salas. Salas administrativas, refeitório ampliado com cozinha e área de alimentação. Os três conjuntos de banheiros foram adaptados para garantir acessibilidade aos portadores de necessidades especiais. A escola conta com sistema de abastecimento de água, subestação de energia, urbanização, muro e iluminação externa (SANTOS, 2010, p. 01).

Contudo, na Praia do Goiabal a situação é problemática no que se refere à educação, conforme foi relatado pelos moradores entrevistados, a única escola da comunidade teve que fechar por não conseguir atingir o determinado número de alunos para se formar uma turma. Em virtude disso, aqueles que almejam investir no aprendizado precisam se deslocar até a sede do município de Calçoene, para então frequentarem uma escola.

5.3.4 Saúde

O Município de Calçoene conta hoje com 1 (uma) Unidade Mista (Figura 17) e 1 (uma) Unidade Básica de Saúde (ver Figura 18), que atende ao município e comunidades vizinhas todos os dias da semana. A saúde do município é de responsabilidade da prefeitura.

Figura 17 - Unidade Mista de Saúde



Fonte: Autor (2017)

Figura 18 - Unidade Básica de Saúde



Fonte: Autor (2017)

5.3.5 Economia

A economia no setor primário está representada pela agricultura, pesca e extração de minérios, no terciário pequenos comércios, bolsas de programas governamentais e o salário do funcionalismo público, complementam a economia. No Goiabal a maioria das famílias sobrevive da pesca local.

5.3.6 Segurança

Calçoene possui uma Delegacia de Polícia Civil, mostrada na Figura 19, e um Batalhão de Polícia Militar, conforme se vê na Figura 20, tanto a delegacia quanto o quartel possuem uma viatura, que atendem a sede municipal e os distritos de Cunani, Calafate, Carnot e Lourenço, Irineu e Goiabal.

Figura 19 - Delegacia de Policia Civil



Fonte: Autor (2017)

Figura 20 - Quartel de Policia Militar



Fonte: Autor (2017)

5.4 Infraestrutura e Saneamento

5.4.1 Condição de Via

Atualmente poucas vias na cidade de Calçoene possuem boas condições de tráfego, pois a pavimentação asfáltica encontra-se desgastada e necessitando de reparos. O ramal que interliga a sede municipal e a Praia do Goiabal não possui qualquer tipo de pavimentação (ver Figura 21). Durante o período chuvoso, o aparecimento de atoleiros é comum, o que acaba dificultando o acesso à praia.

Figura 21 - Estrada de acesso entre Calçoene e Goiabal



Fonte: Autor (2015)

5.4.2 Esgotamento Sanitário

De acordo com a CAESA (Companhia de Água e Esgoto do Amapá) e censo do IBGE 2010, Calçoene não possui esgotamento sanitário tratado, sendo os dejetos despejados em fossas sépticas ou outros meios criados pelos próprios moradores em suas residências.

5.4.3 Abastecimento de Água

Segundo o IBGE, a subestação da CAESA em Calçoene é responsável pela distribuição de 2.092 m³ de água tratada por dia que abastece 480 unidades informalmente, tendo em vista que o pagamento pelo serviço não é cobrado, pois o abastecimento ainda é precário e não atende as necessidades da população. Quanto ao Goiabal, algumas residências possuem “poço amazonas”⁶, no entanto, a água não é potável, servindo apenas para banho e alguns serviços domésticos.

5.4.4 Coleta de Resíduos Sólidos

A coleta fica a cargo da prefeitura e ocorre três vezes na semana. O lixo é transportado por uma caçamba que o encaminha para o aterro convencional do município, cerca de 10 km da área urbana.

⁶ Próprio para áreas onde o terreno é muito instável, devido ao excesso de água no solo, deste modo, sua profundidade é inferior ao poço artesianos.

5.4.5 Sistema de Transportes

O município não possui transporte público coletivo, conta apenas com moto táxis e carros de transporte privado para atender a demanda da população. Com relação ao Goiabal, poucos moradores possuem automóveis, sendo a bicicleta o meio de transporte predominante. Calçoene tem um Terminal Rodoviário (Figura 22), com restaurante e lojas de conveniência, o mesmo recebe linhas de ônibus intermunicipais todos os dias.

Figura 22 - Terminal Rodoviário de Calçoene



Fonte: Autor (2017)

5.4.6 Comunicação e Telefonia

Apenas duas prestadoras com serviços de comunicação e telefonia atuam no Município de Calçoene, são estas Oi e Vivo. Sendo a Oi responsável pela rede de telefonia pública (orelhões) e residencial, enquanto a Vivo fica a cargo da rede de telefonia e internet móvel. No Goiabal, este meio de comunicação se dá por telefonia móvel, onde o sinal é recebido através de antena rural (Figura 23).

Figura 23 - Antena Rural



Fonte: Lopes (2016)

5.4.7 Rede de Energia Elétrica

De acordo com a Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA), todas as casas, prédios institucionais, comerciais e religiosos recebem o fornecimento de energia elétrica. A Praia do Goiabal, apesar de possuir posteamento, conforme mostra a Figura 24, não dispõe de iluminação nos mesmos. Contudo, vale ressaltar que a comunidade conta com energia 24h, fornecida pela CEA.

Figura 24 - Posteamento na Praia do Goiabal



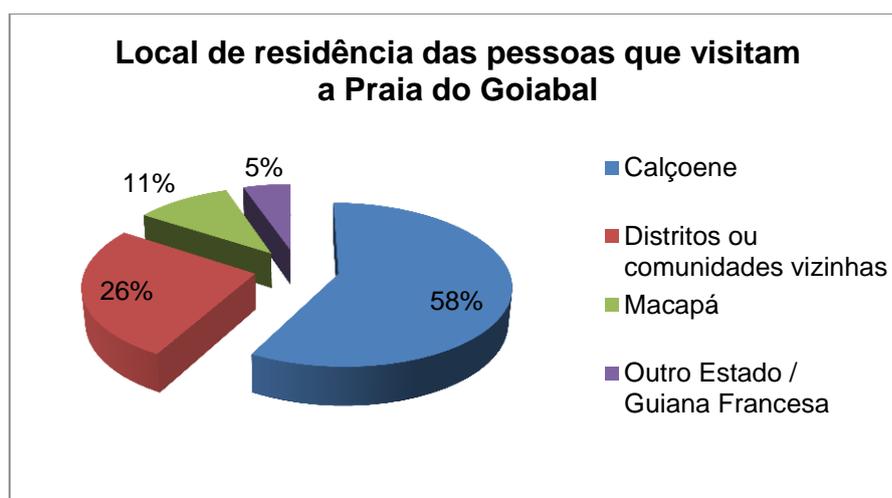
Fonte: Autor (2015)

5.4.8 Percepções dos frequentadores e possíveis visitantes da Praia do Goiabal

Utilizou-se como método de pesquisa, um questionário socioeconômico onde foram entrevistadas 40 pessoas, entre jovens, adultos, moradores e visitantes de Calçoene, e a partir da coleta desses dados, obtiveram-se os resultados mostrados posteriormente nos gráficos.

Dos entrevistados, observou-se que 57% residem na sede do Município de Calçoene, enquanto que 24% moram em suas adjacências, distritos, ou comunidades, incluindo o “Goiabal” (como é popularmente chamado). Identificou-se ainda, que 9% possuem residência em Macapá, 5% em outros Estados ou na Guiana Francesa. Verifica-se os dados no Gráfico 3, mostrado abaixo:

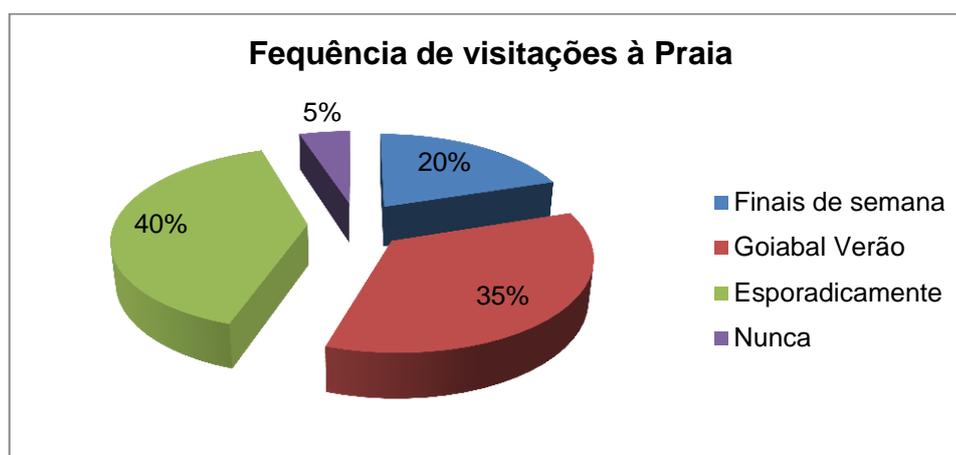
Gráfico 3 - Local de residência das pessoas que visitam a Praia do Goiabal.



Fonte: Pesquisa feita pelo autor (2015)

O Gráfico 4, a seguir, refere-se à frequência de visitas à Praia do Goiabal, onde concluiu-se que a maioria das visitas se fazem de maneira esporádica, com um percentual de 40% dos entrevistados. Contudo, 35% afirmaram que costumavam frequentar a praia durante o Goiabal Verão, 20% visitam nos finais de semana e 5% nunca visitaram.

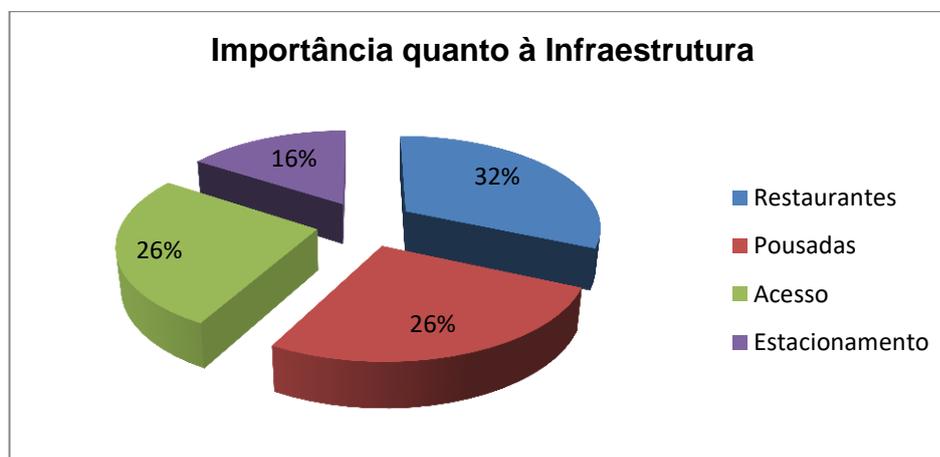
Gráfico 4 - Frequência de visitas à praia



Fonte: Pesquisa feita pelo autor (2015)

Quanto à infraestrutura, 32% das pessoas entrevistadas preferem a implantação de bares e restaurantes na Praia do Goiabal, 26% optaram pela melhoria do ramal que dá acesso a praia, outros 26% escolheram pela implantação de pousadas, enquanto a minoria de 16% decidiu por um estacionamento estruturado, conforme dados demonstrados no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Importância quanto à Infraestrutura



Fonte: Pesquisa feita pelo autor (2015)

6 ESTUDO PRELIMINAR

6.1 Plano Conceitual

Este capítulo tem como objetivo fundamental descrever a proposta urbana e arquitetônica da Praia do Goiabal, de forma com que potencialize o turismo da região, através da criação de um complexo cultural, tornando assim um atrativo turístico para o Município de Calçoene. Como se vê na Figura 25, a área da praia

que se pretende intervir compreende desde sua entrada principal, que se dá pelo ramal de acesso, até o término das casas de veraneio, dentro delimitação serão instalados os bares/restaurantes, estacionamento e urbanização da orla.

Figura 25 - Área de Intervenção



Fonte: ESRI (2016)

Propõe-se um complexo que integre os dois espaços existentes, a atual Praia do Goiabal e os restaurantes que serão propostos, com o aproveitamento do setor turístico e comercial existente. A nova proposta sugere a setorização de serviços para que melhor possam atender seus usuários.

Cabe, ainda, neste projeto de intervenção a criação de um loteamento, onde será construído o albergue e indicados os espaços para construção de uma escola, praça, posto de saúde, posto policial e um terminal rodoviário (Ver Figura 26).

Figura 26 - Delimitação do Loteamento



Fonte: ESRI (2016)

O projeto partiu do princípio da criação de espaços agradáveis e funcionais, que atendessem a demanda de lazer e logística de uma praia, utilizando de uma linguagem urbana, moderna e inovadora de arquitetura contemporânea. Aspectos da arquitetura vernacular e sustentável foram desenvolvidos na elaboração desse partido arquitetônico, como otimização da luz natural, o uso de plantas nativas da região, utilização de alternativas eficientes, reutilização de água.

6.2 Partido Arquitetônico

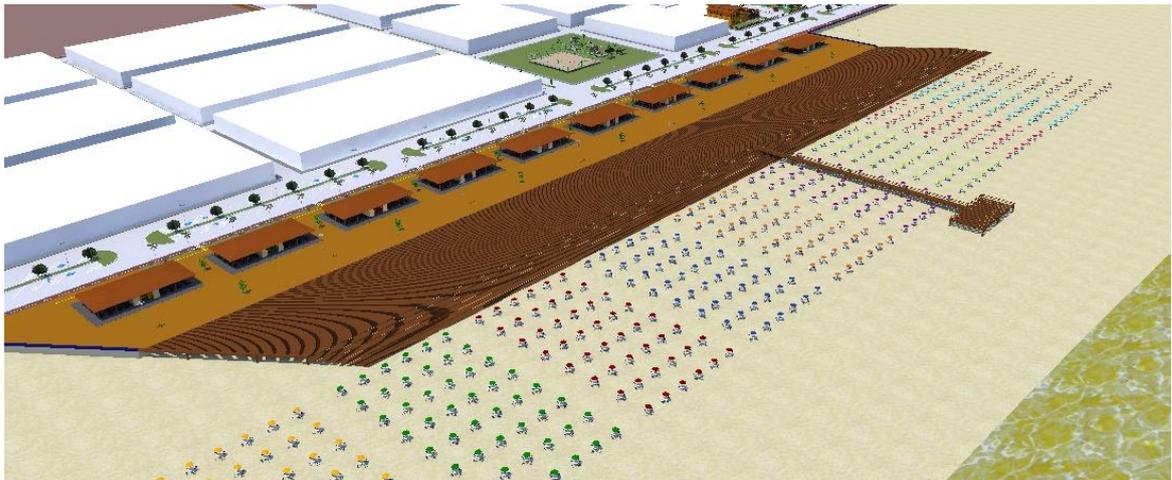
O projeto de revitalização sugere a implantação de bares/restaurantes, albergue e urbanização da orla, com estacionamento e calçadão, conforme se vê na Figura 27 e 28, da volumetria geral da praia, valorizando o uso de vegetação nativa, como o açazeiro, árvores de médio e grande porte, para o melhor aproveitamento de sombras, sendo empregadas de acordo com o ambiente, como se observa no croqui de paisagismo da Figura 29. Indica-se ainda, uma área destinada a loteamento.

Figura 27 - Volumetria da Praia



Fonte: Autor (2017)

Figura 28 - Volumetria da Praia



Fonte: Autor (2017)

Figura 29 - Paisagismo



Fonte: Autor (2017)

O projeto do albergue compreende uma área de 1980m², em um lote de 30x66m, nele foram indicados 16 suítes, cozinha, varanda e redário, além da sala de administração, depósito, hall e recepção, como se pode notar no programa arquitetônico abaixo:

Programa Arquitetônico do Albergue:

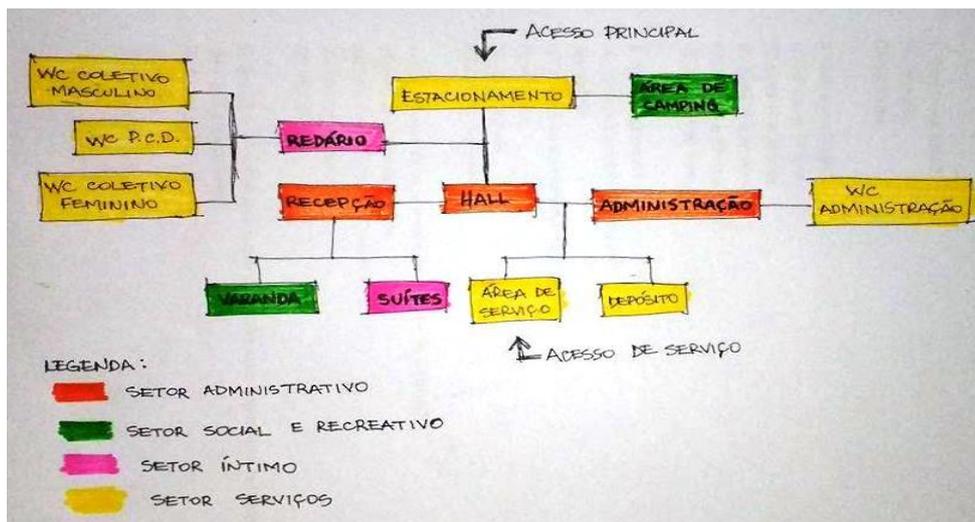
- | | |
|--------------------|---|
| - Hall | - 16 Suítes |
| - Recepção | - Redário |
| - Administração | - WC Coletivo Masculino, Feminino e PCD |
| - WC Administração | - Varanda |
| - Depósito | - Área de Serviço |

- Estacionamento

- Área de Camping

A Figura 30 representa o funcionograma do albergue, que, segundo Neves (1998, p. 35) “é o diagrama das relações funcionais dos elementos do programa arquitetônico”. Portanto, este diagrama expressa setores, cômodos e acessos do referido prédio.

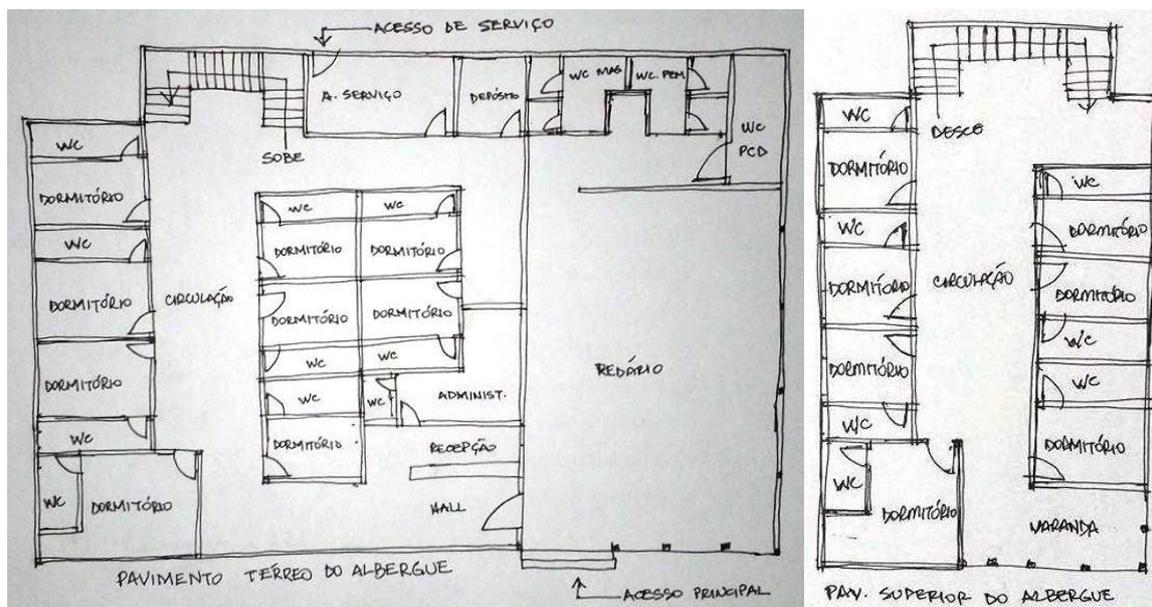
Figura 30 - Funcionograma do Albergue



Fonte: Autor (2017)

Isto posto, dividiu-se o bloco em dois pavimentos, conforme mostra o esboço da Figura 31, sendo que ao lado da edificação está estacionamento, com 12 vagas e área destinada ao camping.

Figura 31 - Esboço do Pavimento Térreo e Superior do Albergue



Fonte: Autor (2017)

As Figuras 32 e 33, a seguir, apresentam as perspectivas do albergue após a intervenção:

Figura 32 - Albergue, Estacionamento Interno e Camping



Fonte: Autor (2017)

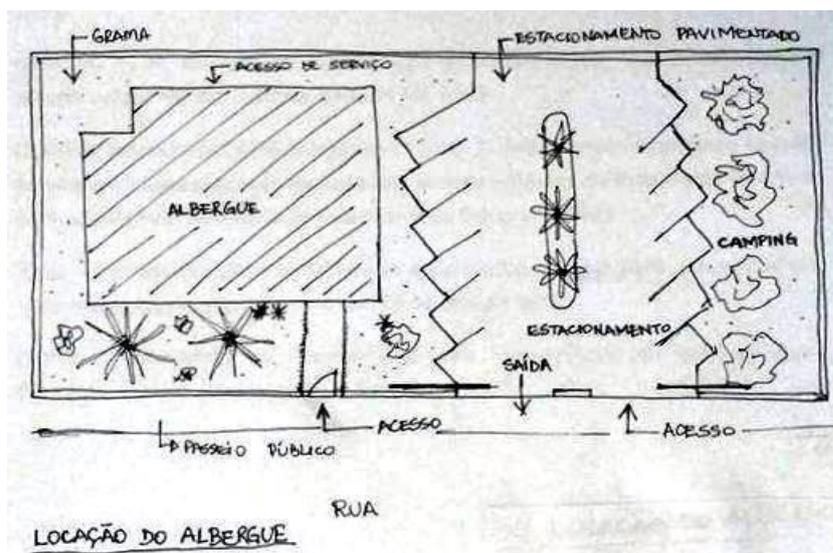
Figura 33 - Albergue



Fonte: Autor (2017)

Castelo (2011) explica que, a prática do camping na Praia do Goiabal não é novidade, em datas anteriores, como no Goiabal Verão, por exemplo, esta atividade era bastante comum, uma vez que a praia não possui meios de hospedagem suficientes para atender à demanda do evento. Foi através deste pensamento que surgiu a proposta para a área de camping, onde esta dispõe de 427,45 m², como se observa no esboço da locação do albergue, na Figura 34 e na volumetria da Figura 35.

Figura 34 - Esboço da Localização do Albergue



Fonte: Autor (2017)

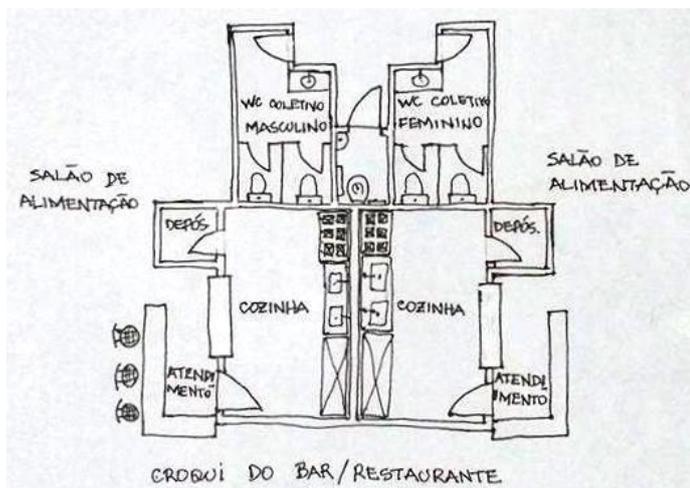
Figura 35 - Estacionamento Interno e Área de Camping



Fonte: Autor (2017)

Foram dispostos 10 blocos, com 2 bares/restaurantes cada, totalizando 20, no decorrer da orla, com vista para o mar, sendo seu programa arquitetônico composto por cozinha, WC coletivo masculino, feminino, WC para Pessoas com Deficiência, depósito, atendimento e salão de alimentação, conforme se vê no croqui abaixo, na Figura 36.

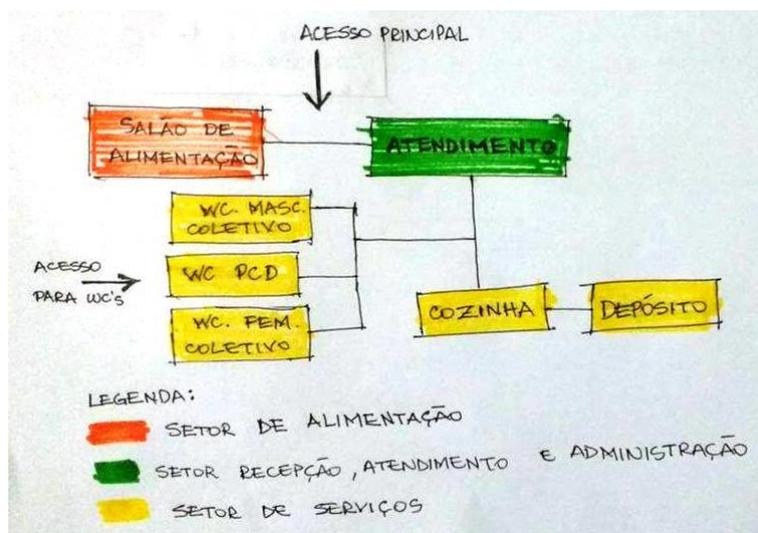
Figura 36 - Croqui do bloco com 2 Bares/Restaurantes



Fonte: Autor (2017)

A diante, na Figura 37 observa-se o funcionograma do bar e restaurante, e suas respectivas relações:

Figura 37 - Funcionograma do Bar/Restaurante



Fonte: Autor (2017)

Adiante, as Figuras 38, 39 e 40 demonstram os restaurantes depois da intervenção, bem como, o passeio público acessível para pessoas com deficiência, ciclo faixa, canteiro e calçadão:

Figura 38 - Vista dos Bares e Restaurantes



Fonte: Autor (2017)

Figura 39 - Vista posterior dos Bares e Restaurantes



Fonte: Autor (2017)

Figura 40 - Passeio e Ciclofaixa



Fonte: Autor (2017)

É importante citar que, o calçadão em blocos de concreto limita-se a até 5 metros depois da extremidade dos restaurantes, e conta com um muro de contenção, de modo que este evitará o avanço da maré sobre o mesmo, por conseguinte, será implantado um deck de madeira (ver Figura 41), e este estará ligado a um trapiche com área de contemplação, que se estende 80 metros até o mar.

Figura 41- Calçadão e deck de madeira



Fonte: Autor (2017)

Com a infraestrutura adequada, o número de visitas à praia só tende a aumentar, em vista disso, é válido sugerir também a implantação de um loteamento, com 181 lotes, onde este possui equipamentos públicos preparados para atender as necessidades daqueles que irão frequentar e morar na comunidade do Goiabal. O bairro tem 109.368m², sendo os lotes com dimensões de 12x30m e 15x30m, contudo, é importante citar que os lotes destinados à implantação do albergue, praça, escola, posto de saúde, posto policial e terminal rodoviário possuem dimensões diferentes. A Figura 42 mostra um mapa temático da área loteada, prevendo as atividades que serão exercidas no local e dimensionamento de lotes.

Figura 42 - Atividades e Dimensionamento dos Lotes



Fonte: Autor (2017)

Vale citar também o estacionamento, com 96 vagas, sendo 12 para PCD (Pessoas com Deficiência). É importante ressaltar que o projeto valorizou bastante o passeio público, tornando-o acessível às Pessoas com Deficiência, por meio de rampas e piso tátil, conforme a ABNT NBR 9050/2004, que dispõe de normas correspondentes à “Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos”, e a ABNT NBR 16537/2016, onde trata de “Acessibilidade – Sinalização Tátil no Piso – Diretrizes para Elaboração de Projetos e Instalação”. Cabe ressaltar ainda, a vegetação nativa ao longo da extensão que foi proposta para intervir e calçamento com área verde. Utilizou-se pavimentação em bloquetes sextavados para a via principal da praia e demais vias do loteamento. A Figura 43 destaca em croqui, um trecho do que se propõe para a via principal da orla da Praia do Goiabal, onde se vê o estacionamento, canteiro com vegetação, rampa para cadeirantes e passeio público com piso tátil, adiante, observa-se a volumetria do estacionamento, na Figura 44.

Figura 43 - Via principal da Praia do Goiabal



Fonte: Autor (2017)

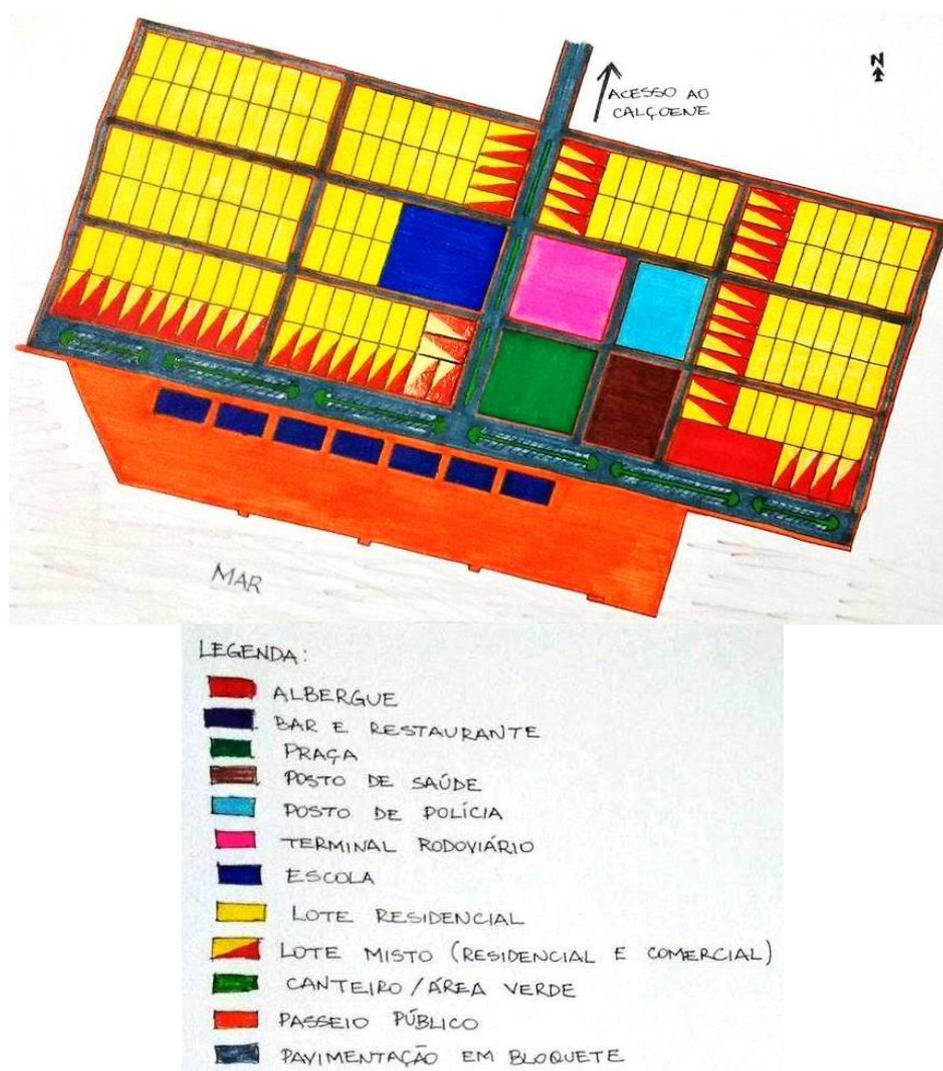
Figura 44 - Estacionamento



Fonte: Autor (2017)

Verifica-se na Figura 45, um croqui com a implantação geral, dispondo os elementos de projeto. Observa-se que a faixa litorânea se estende em toda praia, fazendo com que os bares e restaurantes sejam organizados de forma paralela a essa faixa areia, e todos dispostos contemplando a paisagem natural da praia. É importante citar que neste projeto serão utilizados meios que possam contribuir para o melhor uso das fontes de energia, deste modo, buscou-se adotar o uso de lâmpadas de LED com acendimento automático, tanto no albergue quanto nos bares e restaurantes, utilizando-se ainda as placas solares. Além disso, vale ressaltar que há estrutura de apoio aos portadores de algum tipo de deficiência, piso tátil nos acessos e passeio público.

Figura 45 - Croqui da Implantação Geral



Fonte: Autor (2017)

6.3 Setorização e Pré-Dimensionamento

A tabela abaixo mostra a setorização e dimensionamento do projeto arquitetônico de 20 bares e restaurantes, além do albergue, onde se observa ao final, a área total ocupada pelos dois blocos.

| BAR/RESTAURANTE | | | | | |
|-----------------------|----------------------|-------------------------|-------------------------------|--|---|
| SETOR | CÔMODO | USUÁRIO | ATIVIDADE | MÓVEIS | ÁREA OCUPADA (m ²) |
| Administrativo | Atendimento | Funcionários | Gerência, compras, financeiro | Balcão de atendimento, cadeira, caixa registradora | (20x)* 8,60 m ² = 172 m ² |
| Social | Salão de Alimentação | Clientes e funcionários | Consumo de alimentos | Mesas e cadeiras | (20x)* 77,08 m ² = 1541,60 m ² |
| Serviço | Cozinha | Funcionários | Preparo de alimentos | Fogão, freezer, pia, armário | (20x)* 20,82 m ² = 416,40 m ² |

| | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-------------------------|---------------------------|--|---|
| | WC Coletivo Masculino | Todos | Higiene Pessoal | Vaso sanitário, mictório, lavatório, espelho | 7,86 m ² |
| | WC Coletivo Feminino | Todos | Higiene Pessoal | Vaso sanitário, lavatório, espelho | 7,86 m ² |
| | WC PCD | Pessoas com Deficiência | Higiene Pessoal | Vaso sanitário, lavatório, espelho | 2,25 m ² |
| Logístico | Depósito | Funcionários | Estocagem de produtos | Armários e prateleiras | (20x)* 3,00 m ² = 60 m ² |
| *Número de cômodos. | | | ÁREA TOTAL OCUPADA | | 2207,97 m² |
| ALBERGUE | | | | | |
| SETOR | CÔMODO | USUÁRIO | ATIVIDADE | MÓVEIS | ÁREA (m²) |
| Administrativo | Recepção | Funcionários | Atendimento | Balcão de atendimento, cadeira | 6,95 m ² |
| | Administração | Funcionários | Gerência, compras | Mesa, cadeira, armário | 12,28 m ² |
| Social | Hall | Hóspedes | Aguardar atendimento | Sofá e poltronas | 12,80 m ² |
| | Varanda | Hóspedes | Contemplação | Poltronas | 12,46 m ² |
| Íntimo | Suíte (I) | Hóspedes | Descanso | Cama e guarda roupas | (14x)* 6,45 m ² = 90,30 m ² |
| | Suíte (II) | Hóspedes | Descanso | Cama e guarda roupas | (2x)* 14,65 m ² = 29,30 m ² |
| | WC Suítes (I) | Hóspedes | Higiene pessoal | Vaso sanitário, lavatório, espelho | (14x)* 3,60 m ² = 50,40 m ² |
| | WC Suítes (II) | Hóspedes | Higiene pessoal | Vaso sanitário, lavatório, espelho | (2x)* 2,79 m ² = 5,58 m ² |
| | Redário | Hóspedes | Descanso | - | 92,55 m ² |
| Serviço | Cozinha | Funcionários | Preparo de alimentos | Fogão, freezer, pia, armário | 16,60 m ² |
| | Área de Serviço | Funcionários | Higienização | Pia e tanque de lavar roupas | 9,57 m ² |
| | WC (Cozinha) | Funcionários | Higiene pessoal | Vaso sanitário, lavatório, espelho | 3,90 m ² |
| | WC Administração | Funcionários | Higiene pessoal | Vaso sanitário, lavatório, espelho | 2,40 m ² |
| | WC Coletivo Masculino | Todos | Higiene Pessoal | Vaso sanitário, mictório, lavatório, espelho | 10,33 m ² |
| | WC Coletivo Feminino | Todos | Higiene Pessoal | Vaso sanitário, lavatório, espelho | 10,33 m ² |
| | WC PCD | Todos | Higiene Pessoal | Vaso sanitário, lavatório, espelho, | 7,20 m ² |

| | | | | | |
|--|----------|--------------|---------------------------|------------------------|------------------------------|
| | | | | chuveiro | |
| Logístico | Depósito | Funcionários | Estocagem de produtos | Armários e prateleiras | 4,00 m ² |
| *Número de cômodos. | | | ÁREA TOTAL OCUPADA | | 376,95 m² |
| ÁREA TOTAL OCUPADA (Bar/Restaurante e Albergue) | | | | | 2584,92 m² |

6.4 Memorial Descritivo

Dados Gerais

Obra 1: Albergue

Obra 2: Bares e Restaurantes

Local: Praia do Goiabal, Calçoene/AP.

Dados Físicos

Obra 1: Albergue

Área total de implantação: 518,75 m²

Área total construída: 376,95 m²

Número total de salas administrativas: 1

Número total de suítes: 16

Número de vagas de estacionamento: 12

Obra 2: Bares e Restaurantes

Área total de implantação: 386,33 m²

Área total construída: 2207,97 m²

Número de cômodos: 4

Descrição dos Edifícios

O terreno escolhido para a realização do projeto está localizado na Praia do Goiabal, no Município de Calçoene, o mesmo possui superfície plana e arenosa. Tendo em vista que, a Praia do Goiabal, hoje, não dispõe de estrutura para atender a demanda de visitantes, sugeriu-se um complexo turístico que possa suprir as necessidades dos usuários deste sistema, ampliando espaços e implantando outros. Apesar de possuírem um estilo mais regional, propõe-se nos edifícios, a implantação de elementos high-tech, como sensor de acendimento automático, torneiras

automáticas, que possam trazer aos visitantes, ambientes não apenas funcionais, mas também de conforto e entretenimento.

Estrutura / Fundação

A estrutura será do tipo convencional em concreto armado. As lajes em concreto armado, com enchimento entre nervuras.

Alvenarias

As paredes serão executadas com tijolos cerâmicos de seis ou oito furos, sendo que no seu encunhamento será utilizando se argamassa convencional. Em todos os vãos das janelas, deverão ser executadas vergas e contra-vergas em concreto armado com altura de 10 cm. Da mesma forma, sobre as portas.

Esquadrias

Com exceção das portas dos WC's Coletivos, em alumínio, todas as demais portas, janelas e balancins serão em madeira de lei, tendo suas medidas indicadas em projeto.

Revestimentos e Acabamentos

O revestimento das paredes externas (fachada) terá duas cores, sendo no albergue, utilizadas o amarelo e o marrom. Nos restaurantes serão utilizadas cores diversas, sendo que cada possuirá uma cor de destaque diferente dos demais, tendo apenas uma cor em comum. Na parede dos banheiros pretende-se utilizar cerâmicas até o teto. O revestimento de piso a ser aplicado nos restaurantes é o industrial do tipo "korodur", enquanto no albergue, piso laminado de madeira. Os rodapés de todas as unidades autônomas, em todas as paredes rebocadas e pintadas, acompanharão o mesmo material do piso sobreposto no ambiente, com altura mínima de 10 cm. O forro se fará em madeira, apenas nas áreas internas da edificação.

Iluminação

As luminárias, tanto do albergue, quanto dos bares e restaurantes, serão de LED, com sensor de acendimento automático, bem como os postes de iluminação externa do albergue, que terão suas lâmpadas acesas durante a noite.

Cobertura

Os prédios terão cobertura com telhas de barro, assentadas sobre estrutura em madeira itaúba ou cedro. As calhas, sobrecalhas, rufos e arremates serão em alumínio, 0.7 mm.

Instalação de Incêndio

As caixas de incêndio serão fechadas com vidro temperado.

Instalações Hidráulicas

Serão instaladas torneiras de jardim nos estacionamentos, canteiro e jardim externo do albergue, interligadas à rede de água a ser implantada no loteamento, além de um reservatório para armazenamento das águas da chuva, no albergue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, revitalização está diretamente ligada à evolução, seu uso e diferentes experiências não apenas numa escala nacional, mas também numa escala global. A degradação da paisagem não é um fato isolado, ou que ocorre apenas em pequenas comunidades, como a Praia do Goiabal, muito pelo contrário, até grandes praias estão sujeitas a esse mal. Por isso, é de extrema importância relacionar o processo de requalificação arquitetônica com a evolução, considerando sua cultura além da sua utilização sócio econômica.

Esse tipo de iniciativa, além de reforçar as relações das pessoas com o lugar, promove ao usuário a noção de pertencimento e comunidade. Propicia a diversidade entre grupos, usos e atividades evitando assim a criação de espaços e de formas excludentes, tanto social, econômica, cultural e física.

Outro fator relevante para o projeto em questão refere-se à sustentabilidade, onde seu papel é acima de tudo, um impulso para a comunidade, estimulando encontros, a fim de transmitir a aceitação de quaisquer que seja a diferença, unindo essas pessoas, transformando as vivências em experiências concretas e explicitando a seus usuários a noção de comunidade e sociedade, e isso é o que se pretende aplicar na proposta de revitalização da paisagem na Praia do Goiabal, no Município de Calçoene.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Construindo a ciência ambiental**. Annableme Fapesp, 2002.

CASIMIRO, Pedro Cortesão. **Estrutura, composição e configuração da paisagem: conceitos e princípios para a sua qualificação no âmbito da ecologia da paisagem**. Lisboa: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/24642>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2016.

CASTELO, Rogério. **Municípios – Calçoene: Informações Gerais**. Macapá: 2011. Disponível em: <<http://castelorooger.blogspot.com.br/2011/05/municipos-do-amapa-calcoene.html>>. Acesso em 27 de setembro de 2016.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural: o estado da arte**. In.: ROSENDAHL, Zeny;

CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de Araújo. **Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural**. Caxias do Sul: UCS, 2010.

FARIAS, Elaíze. **Obra milionária**. Blog do Sarafa: Um espaço para reflexão, 2012. Disponível em: <<http://www.blogdosarafa.com.br/?p=14698>>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

FORMAN, R. T. T. **An ecology of the landscape**. BioScience: 1983.

FORMAN, R. T.; GORDON, M. **Landscape Ecology**. Nova York: John Willey, 1986.

GARCIA, F. F. **Manual de climatologia aplicada: clima, médio ambiente y planificación**. Madrid: Editorial Síntesis AS, 1995.

GOMES, Marcos; AMORIM, Margarete C. de C. T. **Arborização e conforto térmico no espaço urbano: estudo de caso nas praças públicas de Presidente Prudente (SP)**. Uberlândia: Revista Online Caminhos da Geografia, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 de abril de 2015.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Paisagem Cultural**. Brasília: IPHAN – DEPAM, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf>. Acesso em: 09 de janeiro de 2017.

LABIO – Laboratório de Planejamento para Conservação da Biodiversidade. **Ecologia de Paisagens**. Brasília: UnB, 2011. Disponível em: <http://www.conservacao.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9&Itemid=16>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais**. São Paulo: Editora da USP, 2005.

MATOS, Eloina; QUEIROZ, Luciano P. **Árvores para cidades**. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia: Solisluna, 2009.

MIRANDA, Cybelle Salvador. **Cidade Velha e Feliz Lusitânia: cenários do Patrimônio Cultural em Belém**. Belém: UFPA, 2006.

MOLIN, Elisiane; OLIVEIRA, Josildete. **Paisagem urbana e uso turístico: revitalização da Rua Hercílio Luz em Itajaí (SC)**. 2008.

MONTEIRO, Mario Ipiranga. **Roteiro histórico de Manaus**. Ed. da Universidade do Amazonas, 2, 1998.

MOURÃO, Heliene; RODRIGUES, Joana; SANTARÉM, Maria. **A prostituição feminina no Distrito de Lourenço**. Calçoene: UVA, 2010.

NASCIMENTO, Mauro. **Turismo e Recreação nas Praias do Baixo Rio Negro - Uma Avaliação Retrospectiva de Impactos Ambientais**. Manaus: UFAM, 2005.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Paisagem Cultural e Paisagem Natural**. Brasil Escola, 2015. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/paisagem-cultural-paisagem-natural.htm>>. Acesso em 10 de março de 2016.

PEREIRA, Luciana Noronha; ANJOS, Francisco dos; VIEIRA, Rafaela. **Morfologia Urbana e Atratividade de Destinações Turísticas Na Vila de Alter do Chão (Santarém-PA)**. Rio de Janeiro: 2011.

PICKET, S. T. A. e M. L. Cardenasso. **Landscape ecology: spatial heterogeneity inecological systems**. 1995.

PORTAL DA COPA. **Palcos da Fan Fest: Parque Ponta Negra, em Manaus, mistura belezas naturais e modernidade**. Manaus: FIFA, 2013. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/palcos-da-fan-fest-parque-ponta-negra-em-manaus-mistura-belezas-naturais-e-modernidade>>. Acesso em 22 de maio de 2016.

RIBEIRO, Eva; LOPES, Rui Teixeira; CUSTÓDIO, Sandra. **A Terra: estudos e representações**. Porto Editora, 2012.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUES, Edgar. **Conheça o Amapá: Município de Calçoene**. Disponível em: <<http://www.amapadigital.net/calcoene.php>>. Acesso em: 16 de agosto de 2015.

ROSA, Tielly; BERSAN, Silvânia de Fátima. **A revitalização do Balneário Público Municipal de Três Lagoas/MS**. 2012. Disponível em: <<http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2012/downloads/2012/humanas/A%20REVITALIZA%C3%87%C3%83O%20DO%20BALNE%C3%81RIO%20P%C3%9ABLICO%20MUNICIPAL%20DE%20TR%C3%8AS%20LAGOAS.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

SANTANA, Wellerson. **Torneio de Pesca Esportiva de Três Lagoas é o maior do Brasil**. Pesca Amadora, 2014. Disponível em: <<http://www.pescamadora.com.br/2014/05/torneio-de-pesca-esportiva-de-tres-lagoas-e-o-maior-do-brasil/>>. Acesso em 22 de maio de 2016, às 21:55.

SERRANO, Márcia. **Governo inaugura obra em Calçoene.** Macapá: Claudionor Santos, 2008. Disponível em: <<http://claudionorsantosmcp.blogspot.com.br/2008/09/governo-inaugura-obras-em-caloene.html>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2017.

SANTOS, Francisca Eliana Aparício dos; RIBEIRO, Karla Cristina. **Praia da Ponta Negra: Transformações de um dos cartões postais da cidade de Manaus para a Copa de 2014.** Revista Eletrônica Aboré - Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo Manaus, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/artigos/artigos_4/87.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SDLR – Secretaria do Desenvolvimento Local e Regional. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano.** Ceará: Governo do Estado, 2016. Disponível em: <<http://conteudo.ceara.gov.br/content/aplicacao/sdlrpddu/aquiraz/gerados/meioambiente.asp>>. Acesso em: 14 de setembro de 2016.

SOUZA, M. J. L. **Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local?** In.: RODRIGUES, A. B. **Turismo. Desenvolvimento local.** São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUZA, Marcos José Nogueira. Et. Al. **Contexto geoambiental das bacias hidrográficas dos Rios Acaraú, Curu e Baixo Jaguaribe: Estado do Ceará.** Fortaleza: Embrapa, 2005.

TOMAZ, P. **Aproveitamento de água de chuva.** São Paulo: Navegar, 2003.

TUCCI, C. E. M. **Hidrologia: ciência e aplicação.** 2ª Ed., Porto Alegre: Editora Universidade, 2000.

TURNER, M. G. **Landscape ecology: the effect of pattern on process.** Annual Review of Ecology and Systematics. 1989.

UOL, Educação. **Fotossíntese e vida na Terra: Produção de oxigênio e glicose.** 2011. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/fotossintese-e-vida-na-terra-producao-de-oxigenio-e-glicose.htm>>. Acesso em: 21 de março de 2016.

VIEIRA, Paulo Freire. **Meio Ambiente, desenvolvimento e planejamento.** In: Weber, Jacques et al. **Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais.** São Paulo: Cortez, 1998.

VINUESA, Miguel Angel Troitiño. **Aranjuez: Patrimonio Cultural, Recuperación Urbana y Turismo.** In.: Anales de Geografia de la Universidad Complutense. Vol. Extraordinario, 2002

WEISS, Bernadette M.; AMARAL, Odnélia Siqueira. **PTDRS Extremo Norte do Amapá.**

WIKIPÉDIA. **Calçoene.** Wikipédia, a enciclopédia livre, 2015. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cal%C3%A7oene>>. Acesso em 24 de maio às 21:55.

YÁZIGI, E. **Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil.** 3ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO APLICADO NO MUNICÍPIO DE CALÇOENE

1. Qual o seu sexo?

- (A) Feminino.
- (B) Masculino.

2. Qual a sua idade?

- (A) Menos de 18 anos.
- (B) Entre 18 e 30 anos.
- (C) Entre 31 e 40 anos.
- (D) Entre 41 e 50 anos.
- (E) Acima de 50 anos.

3. Onde você mora?

- (A) Sede do Município de Calçoene.
- (B) Goiabal.
- (C) Distritos ou comunidades vizinhas.
- (D) Macapá.
- (E) Outro Estado.
- (F) Guiana Francesa.

4. Você frequenta ou já frequentou a Praia do Goiabal?

- (A) Sim, nos finais de semana.
- (B) Sim, durante o Festival Goiabal Verão.
- (C) Esporadicamente.
- (D) Nunca visitei.

5. Quanto à infraestrutura, o que você acha mais importante na Praia?

- (A) Bares e restaurantes.
- (B) Pousadas.
- (B) Acesso.
- (B) Estacionamento.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO APLICADO NO MUNICÍPIO DE CALÇOENE

1. Qual o seu sexo?

(A) Feminino.

(B) Masculino.

2. Qual a sua idade?

(A) Menos de 18 anos.

(B) Entre 18 e 30 anos.

(C) Entre 31 e 40 anos.

(D) Entre 41 e 50 anos.

(E) Acima de 50 anos.

3. Onde você mora?

(A) Sede do Município de Calçoene.

(B) Goiabal.

(C) Distritos ou comunidades vizinhas.

(D) Macapá.

(E) Outro Estado.

(F) Guiana Francesa.

4. Você frequenta ou já frequentou a Praia do Goiabal?

(A) Sim, nos finais de semana.

(B) Sim, durante o Festival Goiabal Verão.

(C) Esporadicamente.

(D) Nunca visitei.

5. Quanto à infraestrutura, o que você acha mais importante na Praia?

(A) Bares e restaurantes.

(B) Pousadas.

(B) Acesso.

(B) Estacionamento.